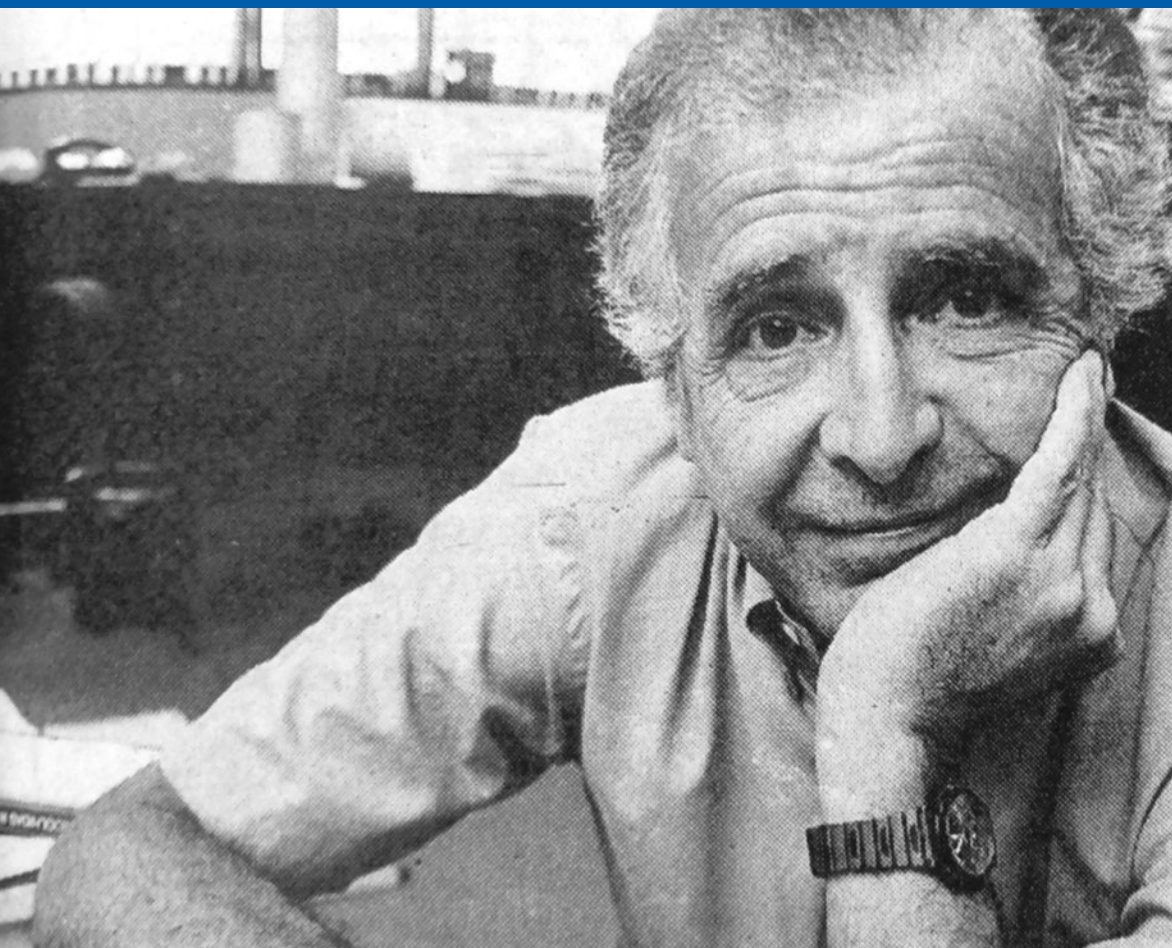


Caio Graco Prado *e a* Editora Brasiliense



ORGANIZADORAS

Sandra Reimão | Gisela Creni

publicações
BBM

NA DÉCADA de 1980, a editora Brasiliense promoveu uma revolução no mercado editorial brasileiro com o lançamento da coleção Primeiros Passos, que, em livros de formato e preço reduzido, publicava textos sobre grandes questões: *O Que É... Socialismo, Anarquismo, Literatura, Ideologia, História...* Com projetos gráficos criativos, os volumes eram escritos por autores brasileiros sob uma perspectiva panorâmica, mas de forma enxuta e objetiva, buscando atingir um novo público universitário.

O sucesso foi imediato: os jovens brasileiros, vivendo em um país em processo de redemocratização, buscavam o conhecimento como uma forma de poder participar do novo país em construção. Os números da coleção impressionam: entre 1980 e 1989 foram mais de duzentos títulos, com cinco milhões de exemplares vendidos. Somente nos quatro primeiros anos da coleção, a Brasiliense publicou mais do que em toda sua história anterior. À Primeiros Passos somaram-se outras coleções de sucesso, como Tudo é História, Cantadas Literárias e Encanto Radical, que também passaram a fazer parte das estantes dos jovens universitários.

Além de contar com a presença marcante do editor Luiz Schwarcz, que trabalhou na editora de 1978 a 1986, foi Caio Graco da Silva Prado, diretor-presidente da editora Brasiliense desde 1975, o responsável por estas coleções. Este livro apresenta a trajetória de Caio Graco enquanto editor à frente da Brasiliense.

Caio Graco Prado e a Editora Brasiliense



REITOR

Vahan Agopyan

VICE-REITOR

Antonio Carlos Hernandez



PRÓ-REITOR DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado

PRÓ-REITORA ADJUNTA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Margarida Maria Krohling Kunsch



DIRETOR

Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron

VICE-DIRETOR

Alexandre Moreli



PUBLICAÇÕES BBM

EDITOR Plínio Martins Filho

EDITORES ASSISTENTES Millena Santana e Claudia Sarmiento

Caio Graco Prado *e a*

Editora Brasiliense

ORGANIZADORAS

Sandra Reimão

Gisela Creni

publicações
BBM

Copyright © 2020 by Autores

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, da editora.

O presente livro é parte do projeto “Editoras e Resistência 1964-1985”, coordenado por Sandra Reimão como pesquisadora associada da BBM, entre os anos 2015 e 2020.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (SBDDBM)

R363c

Caio Graco e a Editora Brasileira / organizadores: Sandra Reimão;
Gisela Ceni. – São Paulo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin,
2020.

116 p. ; 15,5 x 22,5 cm.

ISBN 978-65-87936-09-3

1. Biografia. 2. Editoração. 3. Publicações na ditadura militar. 4.
Coleções Culturais. I. Organizadores. II. Título.

CDD: 070.509

Bibliotecário Responsável Técnico: Rodrigo M. Garcia, CRB8^a/7584

Direitos reservados a

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN

Rua da Biblioteca, 21 – CEP 05508-065

Cidade Universitária, São Paulo, SP, Brasil

e-mail: bbm@usp.br / tel.: (11) 2648-0320

Printed in Brazil 2020

Foi feito o depósito legal

Editar é um risco, um jogo e uma aventura. É o resultado de um acúmulo de experiências, não definido nem quantificado. É, sobretudo, uma atividade extremamente pessoal.

CAIO GRACO PRADO (1931-1992)

Sumário

<i>Cronologia</i>	9
<i>Introdução</i>	11
1. Brasiliense e o Brasil da Ditadura Militar: Uma Editora de Resistência	23
Flamarion Maués	
2. A Coleção Primeiros Passos: Projeto Editorial, Ação e Formação Política	33
Andrea Lemos	
As Primeiras Capas da Primeiros Passos – Sandra Reimão	39
A Coleção Primeiros Passos – Luiz Schwarcz	43
3. Novas Coleções, Novos Autores, Novas Linguagens	47
Marcello Rollemberg	
Feliz Ano Velho: O Best-seller de uma Geração – Marcelo Rubens Paiva.....	51
4. Filosofia, Antropologia e Sociologia... Profusão de Inovações ..	55
Sandra Reimão	

5. Brasiliense e o Brasil da Abertura “Lenta, Gradual e Segura” ...	63
Flamarion Maués	
O Amarelo e o <i>Playboy</i> – Eugênio Bucci.....	67
6. Redescobrimdo o Brasil em HQ: Brasiliense e o Brasil	
dos Anos 1990	69
João Elias Nery	
7. <i>Leia Livros: Cultura em Debate</i>	75
Andrea Lemos	
8. Depoimentos e Relatos	83
9. Caio Graco por Caio Graco	87
<i>Anexos</i>	91
<i>Referências Bibliográficas</i>	111
<i>Organizadoras e Autores</i>	113

Cronologia

- 1931 – Em 12 de agosto, na cidade de São Paulo, nasce Caio Graco da Silva Prado, filho de Caio Prado Júnior e de Hermínia (Baby) F. Cerquilho.
- 1943 – Caio Prado Júnior, Arthur Neves e Leandro Dupré fundam a Editora Brasiliense, que se constitui como polo de oposição ao Estado Novo de Getúlio Vargas. Início da edição das obras completas de Monteiro Lobato.
- 1944 – Monteiro Lobato associa-se à Brasiliense, que nesse ano publica, entre outros, *Retrato do Brasil: Ensaio Sobre a Tristeza Brasileira*, de Paulo Prado, e *Éramos Seis*, de Maria José Dupré.
- 1945 – Brasiliense publica *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior.
- 1964 – Menos de um mês após o golpe militar, em 23 e 24 de abril Caio Graco e Caio Prado Júnior são detidos por quase uma semana com base na Lei de Segurança Nacional.
- 1965 – Caio Graco Prado começa a trabalhar regularmente na Editora Brasiliense, exercendo vários cargos.
- 1969 – Em 3 de abril Caio Prado Júnior é cassado por Decreto Federal.
- 1970 – Caio Prado Júnior, que estava no exterior, retorna ao Brasil e, em março, é condenado à prisão, onde permanece até agosto de

- 1971, quando é absolvido por unanimidade pelo Supremo Tribunal Federal.
- 1975 – Caio Graco Prado assume a função de diretor-presidente da editora Brasiliense.
- 1978 – Início da publicação do jornal *Leia Livros* com direção de Caio Graco Prado e Cláudio Abramo. A publicação perdurou até 1984.
- 1980 – Início da coleção Primeiros Passos, que até 1989 lançou mais de duzentos títulos e vendeu mais de cinco milhões de exemplares.
- 1981 – Início das coleções Tudo É História e Cantadas Literárias.
- 1982 – Início das coleções Encanto Radical e Primeiros Voos.
- 1982 – Primeira edição do romance *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva – na coleção Cantadas Literárias –, livro que nos dez primeiros meses vendeu 120 mil exemplares e, ao longo de 22 anos, quatrocentos mil.
- 1983 – Início da coleção Circo de Letras.
- 1984 – Início da coleção Qual É.
- 1984 – Caio Graco Prado participa ativamente da campanha Diretas Já.
- 1990 – O historiador Caio Prado Júnior falece em 23 de novembro.
- 1992 – No dia 18 de junho, o editor Caio Graco da Silva Prado falece aos sessenta e um anos, em decorrência de um acidente de motocicleta em Camanducaia, Minas Gerais.
- 1992 – Yolanda Cerquinho da Silva Prado, irmã de Caio Graco, assume a direção da Brasiliense.
- 2011 – Maria Teresa Batista de Lima torna-se diretora da Brasiliense.

Introdução

Sandra Reimão

NA DÉCADA de 1980, a editora Brasiliense promoveu uma revolução no mercado editorial brasileiro com o lançamento da coleção Primeiros Passos, que, em livros de formato (11,5 x 16 cm) e preço reduzido, publicava textos sobre grandes questões: *O Que É... Socialismo, Anarquismo, Literatura, Ideologia, História...* Com projetos gráficos criativos, os volumes eram escritos por autores brasileiros sob uma perspectiva panorâmica, mas de forma enxuta e objetiva, buscando atingir um novo público universitário.

O sucesso foi imediato: os jovens brasileiros, vivendo em um país em processo de redemocratização, buscavam o conhecimento como uma forma de poder participar do novo país em construção. Os números da coleção impressionam: entre 1980 e 1989 foram mais de duzentos títulos, com cinco milhões de exemplares vendidos. Somente nos quatro primeiros anos da coleção, a Brasiliense publicou mais do que em toda sua história anterior. À Primeiros Passos somaram-se outras coleções de sucesso, como Tudo é História, Cantadas Literárias e Encanto Radical, que também passaram a fazer parte das estantes dos jovens universitários.

Além de contar com a presença marcante do editor Luiz Schwarcz, que trabalhou na editora de 1978 a 1986, foi Caio Graco da Sil-

va Prado (1931-1992), diretor-presidente da editora Brasiliense desde 1975, o responsável por estas coleções. Este livro apresenta a trajetória de Caio Graco enquanto editor à frente da Brasiliense.

* * *

A editora Brasiliense foi fundada em 1943 pelo intelectual paulista Caio Prado Júnior (1907-1990) em parceria com Arthur Neves (1916-1971) e Leandro Dupré (1891-1960). O escritor Monteiro Lobato (1882-1948) associou-se ao projeto posteriormente, em 1944.

À época, o Brasil vivia o período ditatorial do presidente Getúlio Vargas, o chamado Estado Novo, que perdurou entre os anos de 1937 e 1945. A escolha do nome da editora – Brasiliense – teve o sentido de “arrancar das mãos do Estado autoritário o epíteto do ideal de uma nação”. A intenção era criar um espaço para “dar voz aos cromatismos e às dissonâncias do pensamento brasileiro, criando um espaço em que os escritores pudessem expressar as suas ideias livremente”, como destaca Paulo Teixeira Iumatti¹.

Nos três primeiros anos, a editora publicou vários livros sobre a história e a política do país. Entre eles, em 1944, *Retrato do Brasil: Ensaio Sobre a Tristeza Brasileira*, de Paulo Prado (anteriormente editado por Duprat-Mayença e F. Briguier). No ano seguinte, destacou-se *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior (publicado anteriormente pela Editora Martins).

Com o final da ditadura do Estado Novo, em outubro de 1945, a Brasiliense, nas palavras de Iumatti, aumentou “a publicação de livros que interpretavam a realidade brasileira dentro de uma perspectiva crítica”². Em 1947, a editora lançou *Evolução Política do Brasil: Ensaio de Interpretação Dialética da História Brasileira*, de Caio Prado Júnior – um clássico para a compreensão dos rumos da história do país.

1. Paulo Teixeira Iumatti, “Introdução”, em *Catálogo Brasiliense 50 Anos 1943-1993*.

2. *Idem*.

Nesse ano, o Partido Comunista Brasileiro, PCB, voltou à clandestinidade e Caio Prado Júnior, que havia sido eleito deputado, foi preso por três meses.

Ao lado das publicações explicitamente políticas, as obras literárias de Monteiro Lobato e de Maria José Dupré foram grandes sucessos de venda desde os primeiros anos da Brasiliense. Em 1943, as obras completas de Monteiro Lobato foram editadas em duas coleções – uma para crianças outra para adultos – que eram “o espírito da Brasiliense”, nas palavras do editor Octalles Marcondes Ferreira³. As coleções de Lobato – identificadas pela capa dura verde com detalhes em prata – foram sucessos de vendas por todo o país. No ano seguinte foi editado o romance *Éramos Seis*, de Maria José Dupré, ou Sra. Leandro Dupré, outro sucesso de vendas⁴. Uma das estratégias iniciais da editora foi a de vender coleções de livros em domicílios, mas, ao mesmo tempo, já na década de 1940 foi instalada a Livraria Brasiliense, na rua Barão de Itapetininga 93, no centro da cidade de São Paulo.

Análises da literatura e das artes brasileiras também fizeram parte do catálogo da Brasiliense desde seus primeiros anos: em 1944 ela publicou o *Diário Crítico de Sergio Milliet* (1940-1943) e *Nos Bastidores da Literatura*, de Nelson Palma Travassos.

Entre 1955 e fevereiro de 1964, Caio Prado Júnior e Elias Neves Neto publicaram a *Revista Brasiliense* – que contou com o apoio e a colaboração de intelectuais como João Cruz Costa, Sérgio Buarque de Holanda e Sergio Milliet.

O editorial do primeiro número destaca: “A Editora Brasiliense [...] resolveu tomar a iniciativa de uma revista, em torno da qual se congreguem escritores e estudiosos de assuntos brasileiros interessa-

3. *Apud* Laurence Hallowell, *O Livro no Brasil: Sua História*.

4. Anteriormente, em 1943, o livro havia sido publicado pela companhia Editora Nacional. A Brasiliense publicou diversas edições do romance até 1954, quando este passou para outras editoras.

dos em examinar e debater os nossos problemas econômicos, sociais e políticos”.

Nas páginas desta revista, Caio Prado Júnior criticou teses defendidas pelo Partido Comunista Brasileiro, sobretudo quanto “à teoria dos ‘resíduos feudais’ – que apontava a permanência do latifúndio como o principal entrave da economia brasileira” e criticou também a “aliança do partido com setores progressistas da burguesia nacional”⁵.

Durante a ditadura militar brasileira (1964-1985), em reação à opressão estatal, a Brasiliense radicalizou sua atuação como editora de oposição – o mesmo fizeram a Civilização Brasileira e a Vozes, entre outras⁶. Dois livros de Caio Prado Júnior publicados pela Brasiliense foram censurados durante a ditadura militar: *A Revolução Brasileira* e *O Mundo do Socialismo*⁷. Em *A Revolução Brasileira*, Caio Prado Júnior amplia suas críticas à “concepção do partido [PCB] quanto à suposta necessidade de se realizar no Brasil uma revolução democrático-burguesa [como sendo uma] etapa historicamente necessária no caminho do socialismo”⁸.

Ao longo de sua história, a Brasiliense passou por várias fases de dificuldades financeiras, e em 1974 chegou a pedir concordata. Em 1975, Caio Graco Prado, filho de Caio Prado Júnior, assumiu a direção da casa editorial. Desde 1965 Caio Graco já passara por vários cargos na editora.

Na década de 1980, em paralelo aos grandes sucessos de vendas nas coleções voltadas ao público jovem, a Brasiliense também publicou trabalhos densos e complexos, com temáticas e procedimentos inovadores. Vários desses títulos se tornaram clássicos das Ciências

5. Alzira Alves de Abreu et al. (coord.), *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, p. 4766.

6. Para maiores informações, ver Flamarion Maués, *Livros Contra a Ditadura: Editoras de Oposição no Brasil, 1974-1984*, cap. 1.

7. Ver Sandra Reimão. *Repressão e Resistência – Censura a Livros na Ditadura Militar*.

8. Ver Alzira Alves de Abreu e outros (coord.), *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*, p. 4766.

Humanas. Entre autores brasileiros, por exemplo, a editora publicou importantes livros como: *Impressões de Viagem: CPC, Vanguarda e Desbunde, 1960-1970*, de Heloisa Buarque de Hollanda., e *Cineastas e Imagens do Povo*, de Jean-Claude Bernardet.

No dia 18 de junho, o editor Caio Graco da Silva Prado, aos sessenta anos, faleceu em decorrência de um acidente de motocicleta na cidade de Camanducaia, em Minas Gerais.

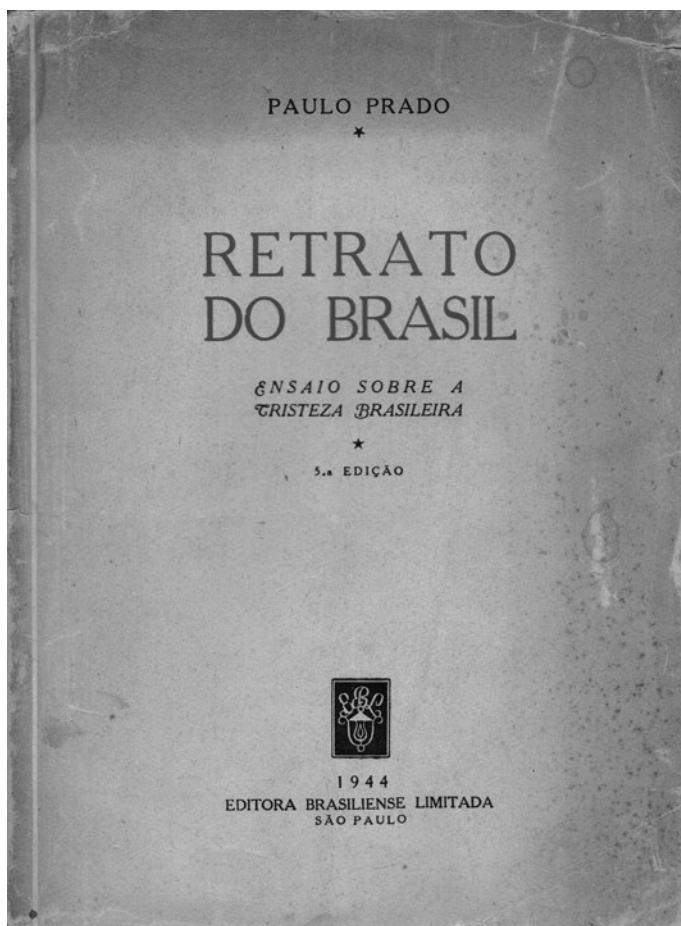
Entre 1992 e 2011 a editora foi dirigida por Yolanda Cerquinho da Silva Prado, irmã de Caio Graco. Desde 2011 sob a direção de Maria Teresa Batista de Lima, a editora vem ensaiando retomar a relevância cultural e política que teve outrora.

* * *

No primeiro capítulo deste livro, Flamarion Maués realiza um recuo no tempo e aborda a Brasiliense antes da atuação de Caio Graco Prado como editor.

Nos capítulos seguintes, os autores destacam as principais criações da editora Brasiliense a partir dos anos 1980: as coleções para jovens; o *best-seller Feliz Ano Velho*; os livros de pesquisa universitária; a coleção Redescobrimdo o Brasil e o jornal *Leia Livros*. Em “Brasiliense e o Brasil da Abertura ‘Lenta, Gradual e Segura’”, é discutida a atuação de Caio Graco no movimento Diretas Já em 1984.

Por fim, nas últimas seções, o leitor encontra múltiplos olhares sobre a figura de Caio Graco – olhares de colegas e amigos, e, inclusive, do próprio editor sobre si mesmo, em “Caio Graco por Caio Graco”.



Capa de *Retrato do Brasil: Ensaio Sobre a Tristeza Brasileira*, de Paulo Prado, 5ª edição, São Paulo, Brasiliense, 1944. (18 x 24 cm)

Capa sóbria, lisa, sem ilustrações, apenas com tipos gráficos e variação da cor utilizada nestes tipos. É possível associar esse estilo ao da Gallimard – casa editorial fundada na França em 1919. O logotipo da editora (com as letras EBL – Editora Brasiliense Limitada – em arabescos na parte superior do quadrado) apresenta imagem de candeeiros ou lanternas antigas, fazendo ressoar a ideia de luz, iluminação.

Capa de *História Econômica do Brasil*, de Caio Prado Júnior, 7ª edição atualizada, São Paulo, Brasiliense, 1962 (16 x 23,5 cm).

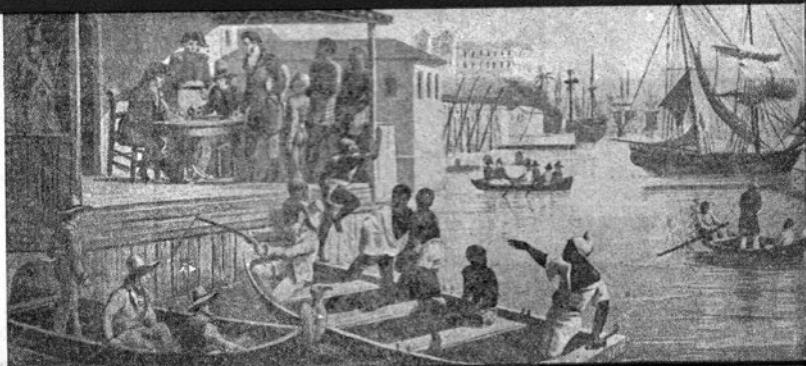
O tipo de letra utilizado no título, no nome do autor e da editora, se assemelha graficamente aos tipos elaborados por xilogravuras em capas de cordéis nordestinos. A capa é assinada por Edgar Koetz (1914-1969, Porto Alegre). A assinatura pode ser vista (em negrito) na barra inferior à direita. Artista plástico consagrado, Koetz elaborou muitas capas para a Editora Globo de Porto Alegre. Na ilustração presente no terço inferior da capa de *História Econômica do Brasil* encontra-se a reprodução de (parte de) uma litografia de Rugendas, de 1835, cujo título é *Desembarque (Debarquement)*.

Johann Moritz Rugendas (1802-1858, Alemanha) foi um dos importantes artistas plásticos viajantes que pintaram a temática da vida dos negros africanos escravizados no Brasil. A cena elaborada por Rugendas retrata o desembarque de pessoas negras escravizadas de um bote para um tablado onde eram examinadas, registradas, e encaminhadas para serem comercializadas por homens brancos. O Cais do Valongo, no Rio de Janeiro, foi, entre 1811 e 1831, o principal porto de chegada de africanos escravizados no Brasil. Estima-se que por lá passaram um milhão de escravos – uma parcela significativa de um total estimado de quatro milhões em terras brasileiras.

O livro de Caio Prado Júnior, *História Econômica do Brasil*, é uma obra seminal na abordagem da escravidão como configuradora da história econômica nacional. As reflexões de Caio Prado Júnior mostram também como o fim da escravidão, no Brasil, está atrelado a uma movimentação do capitalismo, local e mundial, que passava de capitalismo comercial para industrial – o que pressupõe a existência de mercados consumidores, incluindo mercados internos constituídos por mão de obra trabalhadora livre.

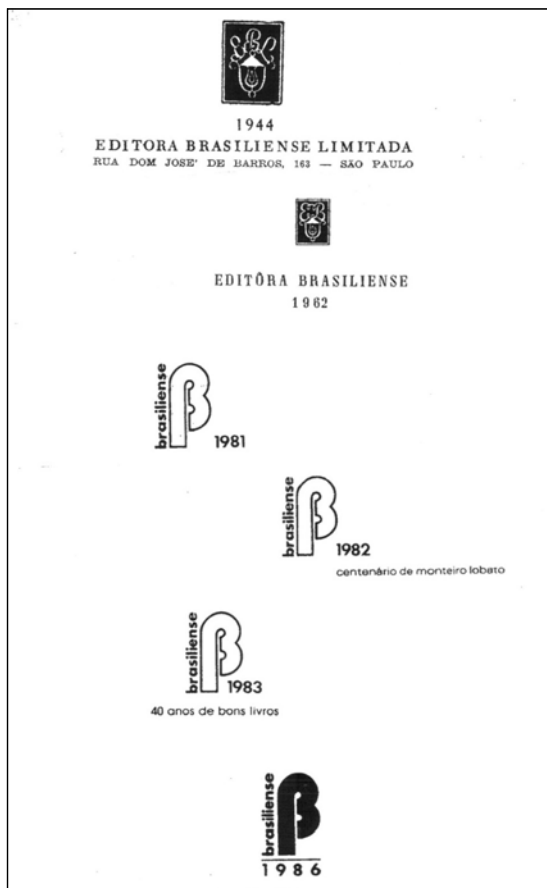
HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL

CAIO PRADO JÚNIOR



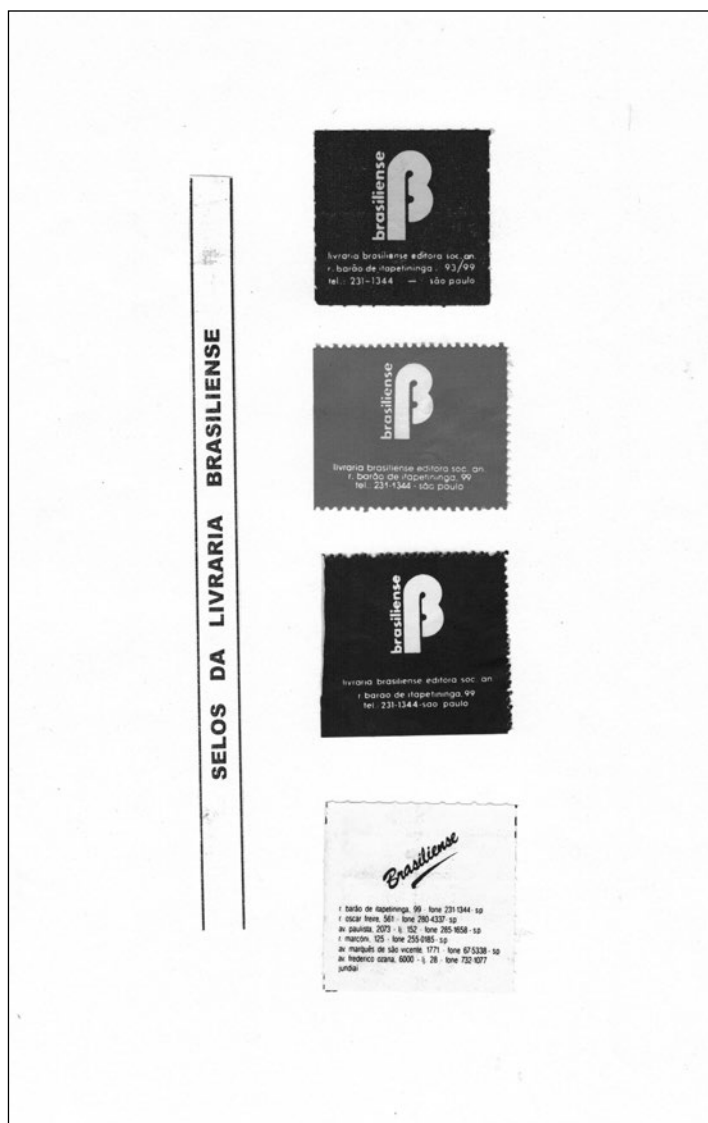
BRASILENSE

E. Koetz



Montagem de logotipos da Editora Brasiliense

No logotipo de 1944 as letras EBL – Editora Brasiliense Limitada – em arabescos na parte superior do quadrado negro. Em 1962, uma modificação: apenas duas letras, E e B, aparecem na parte de cima de um can-deeiro. Nas marcas dos anos 1981, 1982, 1983 e 1986, reproduzidas acima, o destaque vai para a letra B (vazada ou preenchida), cuja lateral esquerda serve de apoio para a escrita da palavra Brasiliense, direcionada de baixo para cima. A disposição vertical remete graficamente à imagem da lombada de um livro.



Nos selos da Livraria Brasiliense encontramos logotipos com destaque na letra B (os três primeiros) ou a grafia da palavra Brasiliense assemelhando-se a um manuscrito ou a uma assinatura.

revista

brasiliense

B I M E S T R A L

SUMÁRIO:

ENTRE OUTROS ARTIGOS:

	PÁG.
CAIO PRADO JÚNIOR — Panorama da Política Brasileira	1
PAULO F. ALVES PINTO — O Café e a Aliança para o Progresso	78
RUI FACÓ — Juazeiro e o Padre Cicero	108
SAMUEL B. PESSÔA — Sobre o Estado Sanitário dos Habitantes dos Distritos Rurais da Ilha de Santa Catarina e Algumas Sugestões para sua Melhoria.	125
FLORESTAN FERNANDES — A Formação de Profissionais e Especialistas nas Faculdades de Filosofia.	158



38

NOVEMBRO-DEZEMBRO

Capa da edição número 38 da *Revista Brasiliense*, nov.-dez. 1961.

Revista Brasiliense. Diretor-Responsável: Elias Chaves Neto. *Conselho de Redação:* Álvaro de Faria, Caio Prado Júnior, Catulo Branco, E. L. Berlinck, Eduardo Sucupira Filho, Heitor Ferreira Lima, João Cruz Costa, Nabor Caires de Brito, Paulo Alves Pinto, Paulo Dantas, Sergio Milliet.

I

Brasiliense e o Brasil da Ditadura Militar: Uma Editora de Resistência

Flamarion Maués

NO DIA 23 de abril de 1964, menos de um mês após o golpe militar de 31 de março, que instaurou a ditadura militar brasileira, o editor Caio Graco foi preso e, no dia seguinte, seu pai, o historiador Caio Prado Júnior, também foi detido. Ambos ficaram quase uma semana presos com base na Lei de Segurança Nacional 1.802, de 5 de janeiro de 1953.

Também no dia 24, a gráfica Urupês, pertencente à editora Brasiliense, foi interditada por agentes do Departamento de Ordem Política e Social. A empresa foi acusada de imprimir livros e publicações de caráter subversivo – entre eles, o folheto *Um Dia na Vida de Brasilino*. Publicado desde 1961, seu sucesso foi imenso – o texto denunciava ironicamente o imperialismo e o domínio das indústrias norte-americanas em solo brasileiro.

Em 1965, no dia 7 de junho, Caio Prado Júnior e Caio Graco foram novamente presos. Ambos foram liberados após algumas horas. Antes, em maio de 1965, Caio Prado Júnior havia sido intimado a depor por ter reeditado *História Nova do Brasil*, coleção coordenada por Nelson Werneck Sodré e considerada subversiva pelo Exército.

Caio Prado Júnior e Caio Graco não se intimidavam com as prisões e perseguições por parte dos militares no poder: mantiveram

suas atuações editoriais e se engajaram em tarefas de resistência ao poder estabelecido.

Em 13 de dezembro de 1968, com a promulgação do Ato Institucional n. 5, AI-5, o chamado “golpe dentro do golpe”, a situação dos militantes e intelectuais de resistência ficou ainda mais difícil e perigosa. A Brasiliense sofreu diversas formas de coação e uma entrevista de Caio Prado Júnior, concedida em 1967 a uma revista estudantil denominada *Revisão*, foi vista pelos militares como uma provocação do historiador contra o governo. Ele decidiu, assim, se exilar no Chile. Quando, em abril de 1969, seu nome integrou a lista dos cassados pelo regime militar, Caio Prado Júnior já se encontrava exilado no exterior.

Especificando: No dia 28 de abril de 1969 foram aposentados por decreto três docentes da Universidade de São Paulo (USP): Florestan Fernandes, Jayme Tiomno e João Batista Villanova Artigas. No dia 30 de abril foi publicado mais um novo decreto dirigido especialmente contra a USP. Nele se aposentava, ou demitia quando fosse o caso, o reitor em exercício e mais 23 professores. Entre eles constava o nome de Caio Prado Júnior. Os cassados em 30 de abril de 1969 foram:

- Alberto de Carvalho da Silva
- Bento Prado Almeida Ferraz Júnior
- Caio Prado Júnior
- Elza Salvatori Berquó
- Emília Viotti da Costa
- Fernando Henrique Cardoso
- Hélio Lourenço de Oliveira (reitor em exercício)
- Isaías Raw
- Jean-Claude Bernardet
- Jon Andoni Vergareche Maitrejean
- José Arthur Gianotti
- Júlio Puddles

- Luiz Hildebrando Pereira da Silva
- Luiz Rey
- Mário Schenberg
- Octávio Ianni
- Olga Baeta Henriques
- Paula Beiguelman
- Paulo Alpheu Monteiro Duarte
- Paulo Israel Singer
- Paulo Mendes da Rocha
- Pedro Calil Padis
- Reynaldo Chiaverini
- Sebastião Baeta Henriques.

Dos 24 listados, cinco não eram docentes da instituição: Caio Prado Júnior era livre-docente pela USP, mas não tinha vínculo empregatício; Reynaldo Chiaverini era médico do Hospital das Clínicas; Sebastião Baeta Henriques e Olga Baeta Henriques eram pesquisadores no Instituto Butantã; e Pedro Calil Padis era professor de Economia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara. Dois outros nomes que aparecem na lista já haviam sido demitidos em 1964 durante o IPM (Inquérito Policial Militar) da Faculdade de Medicina: Júlio Puddles e Luiz Rey.

No início de 1970, Caio Prado Júnior decidiu retornar ao Brasil e, em março, foi novamente preso e condenado a quatro anos e meio de prisão, aos 63 anos de idade.

Sobre a prisão de Caio Prado Júnior em março de 1970, Luiz Bernardo Pericás, no capítulo 11 de *Caio Prado Júnior: Uma Biografia Política*, relata:

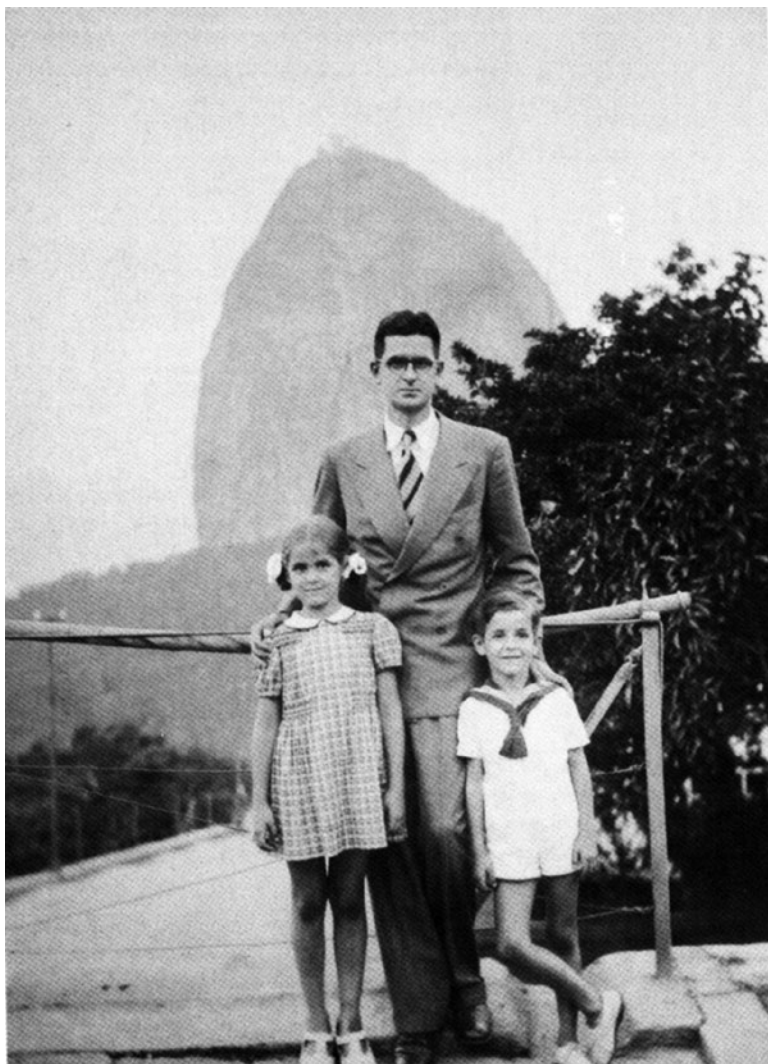
Como se pode imaginar, a repercussão nacional e internacional da detenção de um intelectual da importância e envergadura de Caio Prado Júnior foi enorme. Danda e Caio Graco tiveram um papel seminal na

mobilização de personalidades de diversos países para protestar e, depois do julgamento, exigir a liberação do pai. Caio Prado Júnior cumpriu sua pena até agosto de 1971, quando foi absolvido por unanimidade pelo STF (Supremo Tribunal Federal) e finalmente liberado.

Na *Revista Civilização Brasileira*, n. 3, de julho de 1965, Nelson Werneck Sodré, na página 114, escreveu:

Quem escreve estas linhas é diariamente ameaçado de prisão pelo noticiário de televisão, rádio e jornais. Em S. Paulo, foram presos e libertados algumas horas depois os editores Caio Prado Júnior e Caio Graco da Silva Prado. O livro, pois, está no índice, é perseguido, apreendido, impedido de circular. Este é o clima em que estamos vivendo, no Brasil, em junho de 1965. É o clima em que a cultura foi colocada.

O historiador Caio Prado Júnior faleceu em 23 de novembro de 1990, deixando dois filhos, Yolanda Cerquinho da Silva Prado e Caio Graco da Silva Prado, sete netos e três bisnetos.



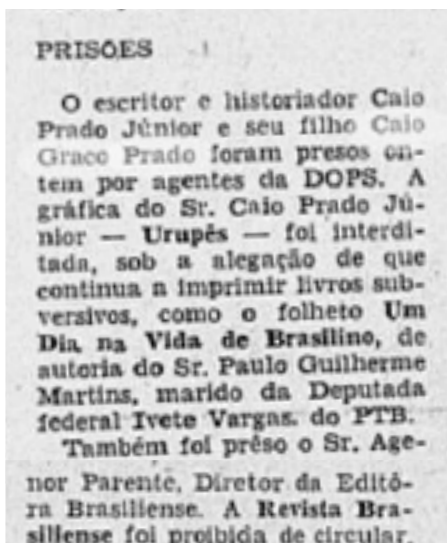
Caio Prado Júnior com seus filhos Danda e Caio Graco no Rio de Janeiro, c. 1939.

Fonte: Luiz Bernardo Pericás, *Caio Prado Júnior: Uma Biografia Política*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2016, p. 256.



Caio Graco Prado e a irmã Danda Prado fantasiados – Caio Graco fantasiado de vaqueiro e Danda em trajes holandeses, c. 1940-1946.

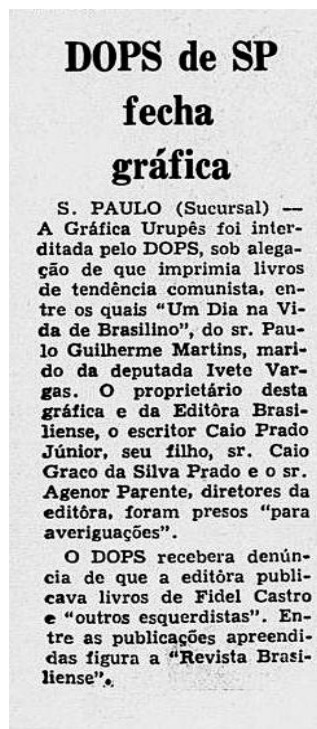
Fonte: Arquivo Instituto de Estudos Brasileiros – IEB-USP; Fundo Caio Prado Junior, Código do documento: CPJ-F10-792.



26 de abril de 1964. Mesma notícia no *Correio da Manhã*, primeira página, canto esquerdo inferior.
Fonte: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/50966

Abril 1964. Caio Prado Júnior e Caio Graco Prado presos por imprimir as “obras subversivas” *Um Dia na Vida de Brasilino* e *Revista Brasiliense*.

Jornal do Brasil, 25 de abril de 1964, caderno 1, p. 9.



Não sei se você conhece o Brasilino!? Mas isso não importa...

Brasilino — é um homem qualquer, que mora num apartamento qualquer, numa cidade qualquer... Situemo-lo em Santos, por exemplo.

Brasilino, como todo o bom burguês, começa o dia acordando; sim, porque o operário, este, levanta-se ainda dormindo a fim de chegar a tempo ao serviço.

Brasilino acorda e aperta o botão da campainha à cabeceira da cama, campainha essa que soa na copa; porém soa, consumindo energia — energia que é da Light, e, assim, o Brasilino inicia o seu dia pagando dividendos ao CAPITAL ESTRANGEIRO. Mas Brasilino não pensa nisso e começa o seu dia, feliz!

(...)

Ao sair do Cinema, Brasilino sente uma leve indisposição; entra numa farmácia e toma um "Alka-Seltzer." E, assim, até para prevenir uma indigestão, Brasilino precisa pagar dividendos ao CAPITAL ESTRANGEIRO.

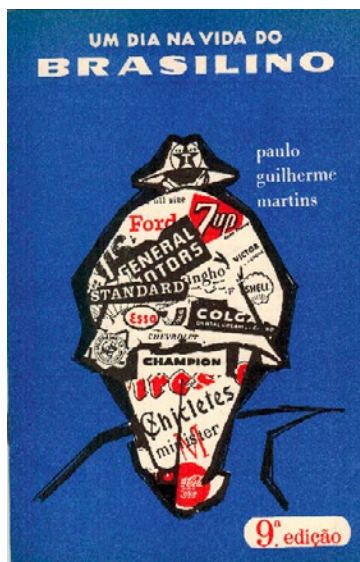
Toma novamente o seu carro e volta para Santos. Chegando à casa, faz novamente a sua *toilette*, liga o rádio de cabeceira, marca "G.E." da "General Eletric do Brasil", e deita-se sobre um colchão de espuma de borracha "Foamex" da "Firestone do Brasil" e repousa a cabeça, sobre um travesseiro do mesmo material, dormindo, feliz, o sono da inocência.

Não sei porque, mas a história do Brasilino traz sempre, à mente, aquelas magníficas palavras do Sermão da Montanha: "Bem-

-aventurados os pobres de espírito porque será deles o reino dos céus."

Mas uma coisa jamais será do Brasilino: O REINO EM SUA PRÓPRIA TERRA.

Por isso, leitor, se alguém lhe disser que não existe imperialismo econômico, no Brasil, é porque está ENGANADO, ou porque ESTÁ ENGANANDO VOCE.



Capa, texto inicial e final de *Um Dia na Vida de Brasilino* (14 x 21 cm).

ORELHA DE LIVRO

Um Dia na Vida de Brasilino

Paulo Guilherme Martins - Editora Brasiliense
(ALGUMAS OPINIÕES DA IMPRENSA)

ALVARO AUGUSTO LOPES
"A Tribuna" — Santos,
11-5-61

Em tom humorístico e estílo singelo, mal disfarçando contudente ironia, descreve-se a existência do tipo-mulidão, que é Brasilino, típico característico do homem comum, a viver, no período de vinte e quatro horas, sob a dependência do capital estrangeiro, desde que desperta, pela manhã, até ir se acamar, à noite. Sob forma de pilhéria, na realidade aqui se encerra sátira feroz contra o domínio do imperialismo econômico, em nosso

Não poderia ter sido mais oportuno, este trabalho de Paulo Guilherme Martins, denunciando as atividades de empresas estrangeiras em nosso país. Nunca ninguém foi tão claro no assunto como o Paulo Guilherme Martins. Cada brasileiro deveria tê-lo nas mãos para saber onde vai a economia desta terra ainda, infelizmente, escravizada ao jugo do imperialismo. Não se trata de propaganda extremista como muitos poderão julgar. É apenas a realidade.

Jornal Nossa Voz, de São Paulo, em 26 de julho de 1962 reproduz notícia e resumo do jornal *A Tribuna* de Santos, de 11 de maio de 1961, sobre *Um Dia na Vida de Brasilino*.

Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/120987/7480>

Presos e soltos Caio Prado Jr. e seu filho

O editor Caio Prado Junior e seu filho, Caio Graco da Silva Prado, foram presos ontem à tarde por agentes do Serviço Secreto do DOPS no escritório da Editora Brasiliense (da qual o primeiro é diretor), na rua Barão de Itapetininga.

Ambos foram levados ao DOPS, mas ao cair da noite já estavam em suas casas, sem que lhes fosse dada qualquer explicação, seja para a detenção, seja para a subsequente liberação.

A detenção revestiu-se de sigilo. Soube-se que a prisão do editor fora pedida ao II Exército pelo major Bonecker, encarregado do IPM sobre as atividades do Partido Comunista na Guanabara; o II Exército pediu por sua vez ao DOPS que efetuasse a detenção.

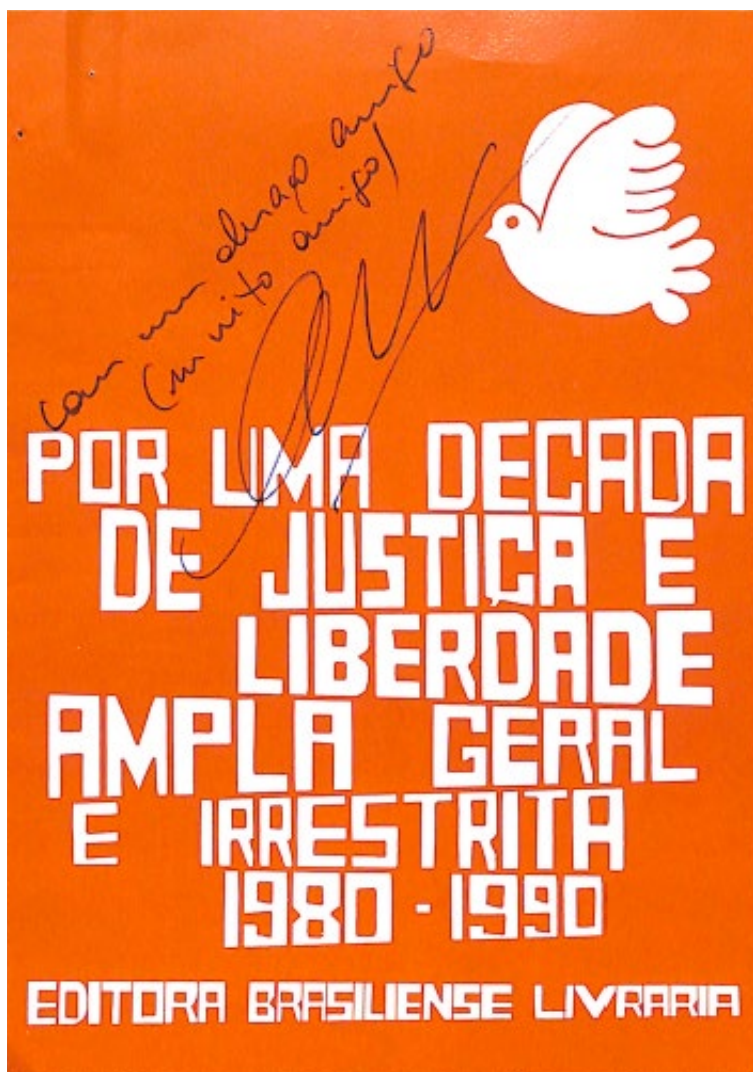
II EXERCITO

Adiantava-se que o sr. Caio Prado Junior estava à disposição do II Exército, que deveria providenciar seu transporte para a Guanabara, onde deveria ser ouvido em IPM.

A notícia da prisão iminente do sr. Caio Prado Junior fora divulgada há pouco mais de 10 dias, quando foi preso o editor Enio Silveira, no Rio, mas não lhe foi encaminhada qualquer intimação.

O coronel Ferdinando de Carvalho, do Serviço Secreto do II Exército, esteve no DOPS, enquanto lá se encontravam o sr. Caio Prado Junior e seu filho, mas aos jornalistas esclareceu que fora em visita de cortesia. O coronel Ferdinando de Carvalho preside ao IPM sobre o Partido Comunista Brasileiro.

Em 1965, Caio Prado Júnior e Caio Graco Prado foram novamente presos. *Folha de S. Paulo*, 08.06.1965, Ilustrada, p. 14.



Editora Brasiliense Livraria – Cartão de Natal 1979. Exemplar enviado para Odette de Barros Mot.

Fonte: Arquivo Instituto de Estudos Brasileiros – IEB-USP; Fundo Odette de Barros Mot, código do documento: OBM-CPB-059.

2

A Coleção Primeiros Passos: Projeto Editorial, Ação e Formação Política

Andrea Lemos

CRIADA NO âmbito de um projeto político-cultural conduzido pelo editor Caio Graco Prado, a coleção Primeiros Passos¹ foi inauguradora, no início dos anos 1980, da aproximação da Brasiliense com o público jovem e seu sucesso foi responsável pelos subsequentes lançamentos da editora na mesma linha editorial, como Cantadas Literárias, Tudo É História, Circo de Letras e Encanto Radical.

O leitor jovem, identificado por Caio Graco Prado como público-alvo em sua linha editorial para a coleção Primeiros Passos, foi aquele visto por Caio nos congressos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), quando estes se tornaram encontros de discussão política ampla, em fins da década de 1970, momento em que as áreas de ciências humanas e sociais passaram a ter uma participação mais significativa nesses congressos. A presença da Brasiliense no Congresso da SBPC de 1979, em Fortaleza, correspondeu ao incremento das atividades de editoras cujas linhas de publicação contemplavam as áreas de humanas e sociais em seus estandes de vendas.

1. Este capítulo retoma, em partes e com modificações, dois trabalhos anteriores de Andrea Lemos Xavier, *A Produção da Coleção Primeiros Passos: Um Projeto Político-Cultural da Editora Brasiliense (1979-1985)* e *Civilização Brasileira e Brasiliense: Trajetórias Editoriais, Empresários e Militância Política*.

Atento às mudanças do cenário de grande movimentação política de estudantes e reconhecendo a necessidade de aprofundamento dos discursos curiosos, porém simplificados, dos jovens, Caio Graco entendeu que havia ali uma lacuna a ser preenchida.

A *Primeiros Passos* foi criada com objetivo de ampliar e divulgar para um público maior o conhecimento sobre temas específicos relacionados àquele momento de abertura política. Com textos em linguagem pouco acadêmica, mas buscando um conteúdo razoavelmente aprofundado, sob o título *O Que É*, a coleção *Primeiros Passos* se voltou a temas como capitalismo, socialismo, sindicalismo, dialética, política cultural, ideologia, nacionalidade, tortura, poder, cultura, revolução, ditadura, participação política, imperialismo, entre outros. Buscava-se assim estimular o interesse do leitor jovem em saber mais sobre esses assuntos para poder melhor refletir sobre a própria conjuntura.

Inicialmente, os títulos foram solicitados pelo editor aos autores e, posteriormente, vários autores manifestaram-se e enviaram novas propostas ao editor. Segundo Yolanda Cerquinho Prado, atual diretora-presidente da Brasiliense, em entrevista a mim concedida, o trabalho editorial de Caio Graco era realizado em parceria com Luiz Schwarcz, na época funcionário da empresa, até sua saída em 1986.

Apesar da semelhança com a coleção francesa *Que Sais-Je?*, o formato da coleção *Primeiros Passos* foi inspirado, segundo Luiz Schwarcz, em uma outra coleção, de origem espanhola, denominada Biblioteca de Divulgación Política. Esta coleção fora recomendada por Carlos Knapp, um amigo de Caio Graco que, exilado na Espanha, conheceu a coleção e sugeriu à Brasiliense que comprasse os direitos de sua publicação para lançá-la no Brasil.

Tratando-se de uma coleção temática com títulos como *Que Es el Capitalismo?*, *Que Es el Socialismo?*, Caio Graco solicitou a Luiz Scwharcz que examinasse alguns volumes e fizesse um parecer sobre a publicação da coleção pela Brasiliense. Luiz Schwarcz decidiu

não comprar os direitos de publicação. Sustou o pagamento, mas não abriu mão da ideia sugerida por aquela coleção e propôs a Caio Graco criar o mesmo tipo de publicação, porém, com análises baseadas na realidade brasileira

Em 1979, a ideia concretizou-se em um projeto que começaria com a formação de um pequeno grupo, incluindo uma coordenadora para escolher os autores e orientá-los para o objetivo da coleção. Vanya Sant'Anna, ex-professora de ciência política de Luiz Schwarcz, que, sugerida por ele, aderiu à proposta. Buscaram, ademais, os autores para os temas iniciais que versariam sobre capitalismo, anarquismo, comunismo, socialismo e sindicalismo. Afrânio Mendes Catani, Caio Túlio Costa, Arnaldo Spindel e Ricardo Antunes foram os primeiros nomes de uma maioria de intelectuais paulistas autores da coleção.

Os critérios de escolha dos autores para escrever os livros da coleção podem ser entendidos pela presença em seus volumes daqueles que circulavam no mesmo ambiente intelectual paulista – nas palavras de Schwarcz, “o 12º andar da rua Barão de Itapetininga ... [onde] as pessoas iam levar seus artigos e a gente acabava se reunindo”. Tanto os autores convidados no início quanto os demais – os que enviavam textos para a seleção dos editores – constituíam a rede de relações formada por uma certa intelectualidade paulista no período.

A análise dos dados biográficos dos autores da Primeiros Passos entre os anos 1980 e 1985 mostram a predominância de formação acadêmica e atuação profissional realizadas em instituições paulistas, como a Universidade de São Paulo (USP), a Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Nesse sentido, intelectuais como Frei Betto, Caio Prado Júnior, Marilena Chaui, Dalmo Dallari, Florestan Fernandes e outros, interessados na realização de debates conjunturais sobre temas sociais e preocupados com a participação política, com vistas ao fim da ditadura civil-militar brasileira, consolidavam a perspectiva crítica nos temas da coleção.

Ao publicar esses títulos a editora cumpria o papel de ligar assuntos da conjuntura nacional com temas universais. Ou seja, tratava das questões internas a partir do estímulo às leituras temáticas mais amplas, oferecendo ao leitor, indiretamente, um determinado instrumental para análise da política do período. Foram tratadas questões sobre a política brasileira, mas não se detinham numa análise exclusiva de algum tema da história do Brasil. Por exemplo, no caso dos títulos *O Que É Capitalismo*, *O Que É Sindicalismo*, *O Que É Socialismo*, *O Que É História* e *O Que É Indústria Cultural*, primeiramente são abordadas questões históricas internacionais para depois discutir o Brasil. Desta forma, a *Primeiros Passos* já apresentava uma diferença significativa em relação à coleção espanhola que a havia inspirado. Ao contrário da Biblioteca de Divulgación Política, seus textos não propunham uma análise específica sobre o país, mas mostravam uma determinada perspectiva política geral que podia ser aplicada sobre a conjuntura.

A repercussão da coleção *Primeiros Passos* garantiu resultados financeiros significativos ao proporcionar o primeiro *boom* editorial da Brasiliense e assegurar à editora, entre os anos de 1980 e 1984, a venda de 2,5 milhões de exemplares, o que significava, na época, 25% de seu faturamento².

Além da linguagem simples dos textos para apresentar temas relativamente complexos, o sucesso dos livros da *Primeiros Passos* deve também créditos ao seu formato: pequeno, com média de noventa páginas, como as chamadas edições de bolso, com capas ilustradas e por vezes charges de conhecidos cartunistas – nomes da imprensa alternativa dos anos 1970, como Paulo Caruso e Miguel Paiva – e com preços acessíveis, seu formato, assim, garantia que os livrinhos também fossem produtos de mais fácil venda. Em 1984, houve uma

2. Ver Fernando Paixão, *Momentos do Livro no Brasil*, p. 172.

coedição com a editora Abril visando a divulgação mais ampla nas bancas de jornal como pontos de venda da coleção.

Cada volume apresentava uma ilustração na capa de acordo com seu tema, ao final do texto havia indicações para leitura e uma biografia do autor permitia ao leitor conhecer quem estava escrevendo. As reedições sucessivas lançadas pela editora expressariam o interesse de muitas pessoas sobre aqueles temas no período, e mostrariam também que a Primeiros Passos havia se tornado uma referência no mercado editorial brasileiro. Ela foi adotada em escolas e universidades e seu uso não se limitou àqueles anos, pois, ainda hoje, universitários, colegiais, professores e leigos em geral consultam e compram a coleção.

Os temas do primeiro ano de lançamento foram os responsáveis pelo sucesso de vendas. Com base na contagem das tiragens, seis dos títulos mais vendidos até 1985 foram aqueles publicados no primeiro ano de lançamento da coleção. As primeiras edições de *O Que É Ideologia*, *O Que É Capitalismo*, *O Que É Socialismo*, *O Que É Comunismo*, *O Que É Sindicalismo* e *O Que É Questão Agrária* datam de 1980. Apenas dois dos volumes mais vendidos foram lançados em 1981: *O Que É Educação* e *O Que É Dialética*. Um deles foi publicado em 1982, *O Que É Sociologia*; e outro em 1985, *O Que É Constituinte*. Ou seja, os maiores sucessos da coleção, que lançou novos títulos por seis anos, concentraram-se nos temas escolhidos durante o seu primeiro ano de publicação.

A legitimação do editor Caio Graco Prado como empresário da cultura ocorreu nesse contexto de adesão à ampla frente criada pelo fortalecimento do movimento democrático brasileiro na década de 1980. Como editor, Caio Graco foi capaz de reunir diferentes linhas políticas, desde intelectuais liberais até socialistas fora da esquerda tradicional concentrada no Partido Comunista; e de conquistar uma maior profissionalização ao papel do editor quando exigia dos autores um texto menos acadêmico, interferindo com suas críticas à abor-

dagem apresentada. Ao criar a coleção Primeiros Passos, a editora Brasiliense concretizou por meio da ação do editor Caio Graco estratégias de luta pelo conhecimento – estimulando a formação crítica e politizada – e imprimindo, em sua função social, organicidade ao processo de abertura democrática na ampliação da participação política necessária à sociedade brasileira.

Quadro 1. Evolução da matrícula na educação superior de graduação presencial no Brasil.

Ano	Total de matrículas	Instituições públicas	Instituições privadas
1960	93.000	52.000	41.000
1970	425.478	210.613	214.865
1980	1.377.286	492.232	885.054
1990	1.540.080	578.625	961.455
2000	2.694.245	887.026	1.807.219

Fonte: MEC/INEP

AS PRIMEIRAS CAPAS DA PRIMEIROS PASSOS

Sandra Reimão

As ilustrações das capas dos cinco primeiros volumes da coleção Primeiros Passos formam um conjunto: elas apresentam a mesma temática e a mesma construção.

No plano de fundo, há paredes e pisos. Os pisos dos volumes volumes 1, 2 e 3 remetem a azulejos e os dos volumes 4 e 5 remetem a tacos de madeira. Sobre o piso representado na capa do volume 4, *O Que É Capitalismo?*, figura um tapete felpudo, com franjas – a indicar presença do supérfluo e do opulento.

As cores vivas e chapadas das paredes, a tipografia reta e sem serifas e a os padrões dos pisos remetem ao universo das histórias em quadrinhos e da *pop art* – bem de acordo com o gosto do público jovem visado pela coleção.

No plano frontal das ilustrações das capas, aparecem cadeiras com características que dialogam com os temas dos volumes. Assim, por exemplo, no volume sobre capitalismo, a cadeira representada é de madeira torneada e possui um estofado fofo recoberto de tecido vermelho; enquanto a cadeira do volume sobre comunismo é semiartesanal, de madeira e palhinha. No título sobre sindicalismo, as mesmas cadeiras do capitalismo e do comunismo estão dispostas em ângulo e são complementadas por uma mesa que serve de apoio a papéis e canetas – a indicar conversação, com instrumentos e espaços para possíveis anotações de acordos e negociações.

Complementando os móveis, nos volumes sobre comunismo e anarquismo aparecem as bandeiras dos respectivos movimentos. A bandeira do comunismo está incompleta – a imagem da foice e do martelo está no chão e não sobre o fundo vermelho. Já para representar o capitalismo, não há uma bandeira, e sim um paletó, uma cartola, luvas e uma pasta executiva.



O Que É Socialismo,
de Arnaldo Spindel
(11,5 x 16 cm).

Capa: Mário Camerini

Na cadeira do primeiro volume, *O Que É Socialismo?*, sobre o encosto apoia-se um paletó com uma flor na lapela e, sobre o assento, outras flores. A introdução do texto do volume esclarece que “socialismo” é um conceito em disputa: comunistas, anarquistas, anarcosindicalistas, sociais-democratas e os próprios socialistas disputam quem seria o mais apto herdeiro do termo. Em chave metafórica, podemos pensar que as flores no assento da cadeira estão lá, sem dono, e que a disputa por decidir que mão seria a mais adequada para carregar as flores vermelhas do socialismo ainda é uma questão em aberto.

No canto superior esquerdo das capas há uma faixa branca com o nome da coleção e o número do volume – no meio desta faixa há marcas de solado de sapato que indicam um caminho que continua para cima e para fora do livro – como a dizer que estes foram só os primeiros passos, há outras leituras a serem feitas, adiante e acima.

O Que É Comunismo,
de Arnaldo Spindel
(11,5 x 16 cm).

Capa: Mário Camerini.



O Que É Sindicalismo,
de Ricardo Antunes
(11,5 x 16 cm).

Capa: Mário Camerini.





O Que É Capitalismo,
de Afrânio Mendes
Catani (11,5 x 16 cm).

Capa: Mário Camerini.



O Que É Anarquismo, de Caio
Túlio Costa (11,5 x 16 cm).

Capa: Mário Camerini.

A COLEÇÃO PRIMEIROS PASSOS

Depoimento de Luiz Schwarcz

“Comprei os direitos desta coleção por indicação do meu amigo Carlos Knapp, que vive em Barcelona. Ela precisa ser adaptada para o Brasil. As ilustrações devem ser eventualmente trocadas e talvez algo no texto alterado para que a edição funcione aqui. Estou indo para a Europa. Esta será sua primeira tarefa como editor. Boa sorte”. Foi assim que o editor Caio Graco colocou nas minhas mãos uma série de livros da Biblioteca de Divulgación Política, que ele iria lançar pela Brasiliense [...]

Mas, logo que li o primeiro livro, percebi que a Brasiliense iria cometer um erro. A coleção era inadaptável. *Que Es el Socialismo*, por exemplo, era só sobre Felipe González; *Que Es el Capitalismo* não trazia nenhuma referência aos países colonizados, ou do hemisfério sul, muito menos sobre o Brasil.

Decidi sustar o pagamento do adiantamento, que já corria pelo Banco Central, e arriscar meu cargo e futuro como editor num relatório que argumentava que a coleção tinha que ser feita integralmente no Brasil. A Biblioteca de Divulgación Política nunca foi publicada por aqui. Surgia assim a Primeiros Passos.

Ao voltar das férias, Caio encontrou em sua mesa um parecer de oito páginas, escrito à mão, sobre os quatro títulos que me coube analisar – além dos já citados, havia também *Que Es el Comunismo* e *Que Es el Sindicalismo* –, e um aviso de que eu sustara o pagamento dos adiantamentos de direitos autorais. Depois de penar com minha sofrível caligrafia, Caio chamou o estagiário temeroso à sua sala. Respirei fundo ao bater na porta, para logo em seguida ouvir: “Bom trabalho, Luiz, concordo que devemos fazer tudo por aqui, mas como?”

Caio sabia muito bem que a maioria dos intelectuais brasileiros naquela época escrevia de maneira hermética, por isso, ao mesmo tempo satisfeito com meu relatório e ciente de que a Biblioteca de

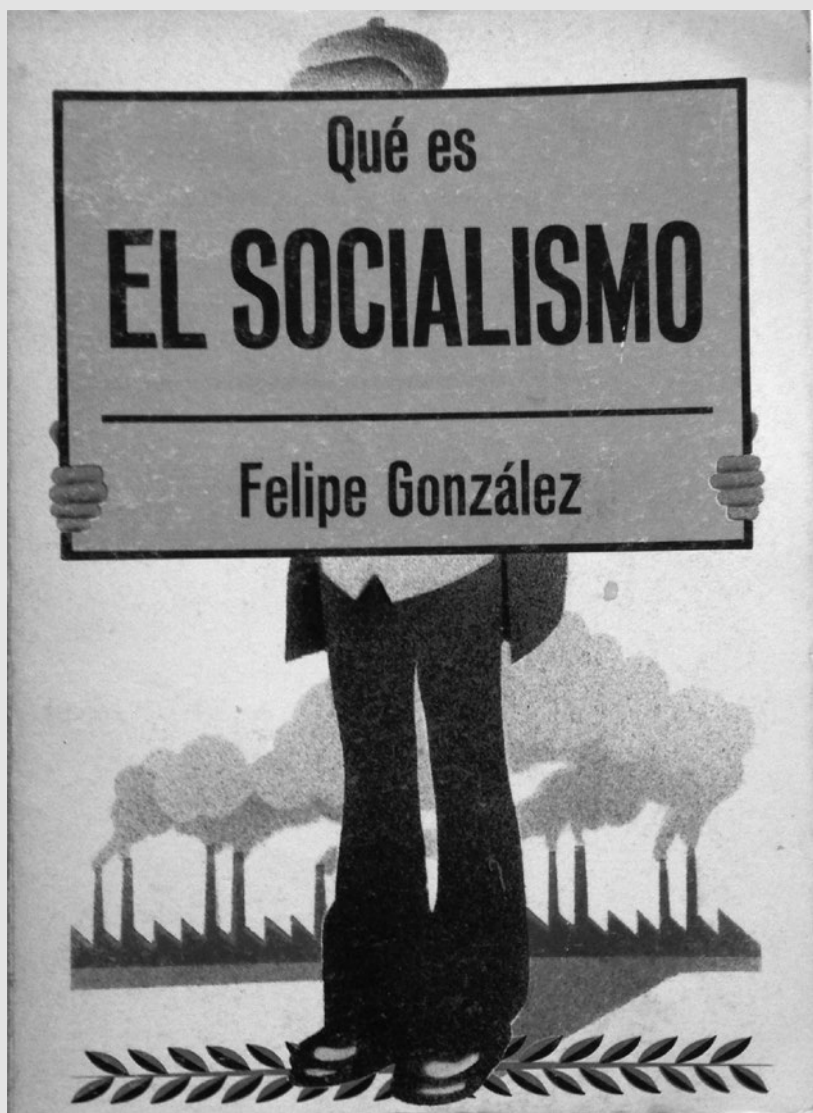
Divulgação Política não serviria ao público jovem brasileiro, ele se preocupava com a dificuldade que teríamos em encontrar pessoas dispostas a escrever os livros que ele sonhava editar. [...] Propus a ele que convidássemos Vanya Sant’Anna, com quem mantinha ótimas relações, para uma conversa. “Caio, a Vanya pode coordenar um grupo de jovens ou futuros professores para escrever estes livros [...]”

Caio topou minha sugestão, chamou a Vanya, gostou dela, e montamos o grupo que escreveria os primeiros livros da coleção, que logo mais foi batizada pelo próprio Caio de Primeiros Passos. [...]

Assim cuidei da formatação da nova coleção: o logotipo, a diagramação, as capas – que de início ficaram a cargo de Mario Camerini, um designer italiano, primo da minha esposa, que estava exilado no Brasil por motivos puramente amorosos. [...]

O sucesso da Primeiros Passos foi assombroso, e colocou a Brasiliense de volta no topo do mercado editorial. Vários intelectuais destacados renderam-se à ideia de escrever para o grande público, no momento em que a abertura política se solidificava, e se ofereceram para escrever novos livros na coleção [...].

Excertos de: Luiz Schwarcz, “Primeiros Passos”, 15.7.2010 e “O Elixir da Juventude” 22.7.2010. *Blog da Companhia*.



Capa de *Qué Es el Socialismo*, de Felipe González. 12 x 16,5 cm, 80 p.

Biblioteca de Divulgación Política, Barcelona, 1976.



Contracapa de *Qué Es el Socialismo*, de Felipe González.

Biblioteca de Divulgación Política, Barcelona, 1976 – Apresentando capas de outros números da coleção.

3

Novas Coleções, Novos Autores, Novas Linguagens

Marcello Rollemberg¹

DESDE O começo da década de 1980 a Brasiliense havia feito sua opção preferencial pelos jovens. Esse público formava uma espécie de “comunidade de leitores” a ser conquistada, um público recém-chegado ao mercado, à indústria cultural, que misturava atuação política com vontade cultural. A sua proposta editorial, naquele momento e por toda a década de 1980, era confrontar, fustigar. Antes de explicar, desejava-se estimular o interesse de um público jovem em saber mais sobre determinados assuntos, para refletir melhor sobre a própria conjuntura.

Em palestra a alunos do curso de Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), em 1986, Caio Graco Prado definiu seu papel de editor como sendo o de um “agitador cultural”, lembrando justamente que o lema da Brasiliense era “Dividir opiniões, multiplicando cultura”.

Nesse sentido e na esteira do sucesso da coleção *Primeiros Passos*, a editora Brasiliense lançou outras coleções, destacadamente:

1. Este texto apresenta, com modificações, partes da dissertação de mestrado de Marcello Chami Rollemberg denominada *Um Circo de Letras*.

- **TUDO É HISTÓRIA:** Criada em 1981, formato 11,5 cm x 16 cm, publicou cerca de oitenta títulos em sua primeira fase na década de 1980 – houve continuações posteriores.

Chamada publicitária:

- “Para quem gosta, faz ou quer fazer a história”

- **CANTADAS LITERÁRIAS:** Criada em 1981 (encerrada em 1987), formato 11,5 cm x 21 cm, 49 títulos.

Chamadas publicitárias:

- “Uma coleção franca, aberta e direta. Um projeto de literatura jovem”.
- “Livros de cuca, formatos de bolso”.
- “Literatura sem frescura”.

- **ENCANTO RADICAL:** Criada em 1982 (encerrada em 1987), formato 11,5 cm x 16 cm, 132 títulos.

Chamadas publicitárias:

- “Uma coleção que fala de gente, não de heróis. Gente maravilhosa com ideias voadoras”.
- “Encanto Radical é uma coleção que fala de gente. Com paixão! Inovadores, inconformistas, apaixonados, irreverentes. Contemporâneos que, falando de seu tempo, desvendaram o futuro; perceberam a violência da imobilidade, a necessidade da transgressão, a vitalidade da crítica e a possibilidade de mudanças. Duvidaram de todas as certezas”.

- **CIRCO DE LETRAS:** Criada em 1983 (encerrada em 1987), formato 14 cm x 21 cm, 62 títulos.

Chamada publicitária:

- “O circo chegou! Brasiliense lança sua nova coleção: o Circo de Letras. Trazendo autores de vanguarda brasileiros e estrangeiros. Uma nova coleção para uma nova literatura”.

- **PRIMEIROS VOOS:** Criada em 1981 (encerrada em 1987), formato 11,5 cm x 21 cm, vinte títulos.

Chamada publicitária:

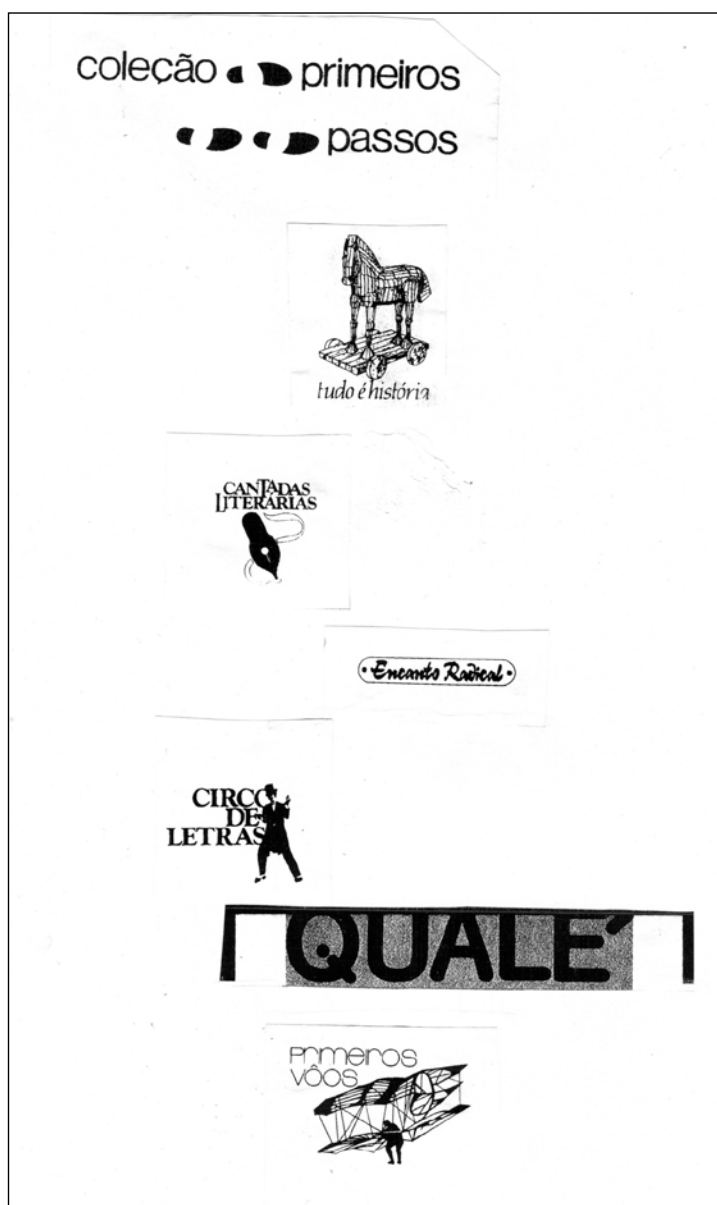
- “Um encontro com ensaístas que fazem da teoria uma prática inteligente”.

- **QUALÉ:** Criada em 1984 (encerrada em 1985), formato 11,5 cm x 16 cm, oito títulos.

Chamada publicitária:

- “Qualé é uma coleção que trata dos principais assuntos da variada agenda dos problemas atuais. Seu objetivo: oferecer ao leitor argumentos para que ele entre no debate das grandes questões nacionais, incentivando-o à discussão e à polêmica, Qualé está diretamente vinculada à realidade do país. Sua linguagem é ágil, direta, coloquial, como convém a uma coleção que pretende deixar você por dentro do que realmente interessa, sem simplificações, nem a excessiva codificação do texto especializado”.

A linguagem visual das capas da Brasiliense não contemplava apenas ilustrações criativas, um *lettering* (os textos aplicados na capa) bem trabalhado, o formato inovador. Havia também, sempre incluído na capa como um segundo selo, a logomarca de cada coleção reforçando a identificação visual. Todas as coleções possuíam uma logomarca de identificação que entraram na memória afetiva dos leitores tanto quanto os livros lidos – o Cavalo de Troia em Tudo é História, o malabarista em Circo das Letras, a pena estilizada em Cantadas Literárias. Essas logomarcas não apareciam apenas na capa dos volumes, mas também nas páginas internas. “O Caio queria um selo que ‘voasse’ pelas páginas do livro, dando uma sensação de movimento a ele e criando unidade entre capa e miolo”, lembra a designer Moema Cavalcanti, criadora da logomarca da coleção Encanto Radical e autora de cerca de 250 capas para a Brasiliense.



Logotipos de coleções da editora Brasiliense nos anos 1980.

FELIZ ANO VELHO: O BEST-SELLER DE UMA GERAÇÃO

Marcelo Rubens Paiva entrevistado por Gabriel Daher (2012)

Ao chegar ao apartamento de Marcelo Rubens Paiva, no bairro de Perdizes, zona oeste de São Paulo, sou recebido pelo escritor em pé. Suspenso por cintas fechadas ao redor de suas pernas, Marcelo se exercita em uma mesa especialmente desenvolvida para deficientes físicos. O ano era 1979, e o então estudante de Engenharia Agrícola da Unicamp viu seu destino mudar ao pular em um lago da cidade de Campinas, onde cursava o primeiro ano da faculdade. Com a queda, fraturou uma vértebra do pescoço e ficou paraplégico.

Filho do ex-deputado federal socialista Rubens Paiva, cassado, exilado e morto pela ditadura militar em 1971, Marcelo encontrou no segundo grande trauma de sua história a chance de traçar novos caminhos e descobriu a vocação para uma nova profissão. Incentivado por Caio Graco Prado, dono da badalada editora Brasiliense, lançou em 1980 o livro *Feliz Ano Velho*, um retrato autobiográfico e emocionante sobre seu acidente e sua história de vida. O livro se tornou um enorme sucesso de vendas, sendo traduzido para diversos idiomas e se convertendo no livro mais vendido do Brasil na década de 80. [...]

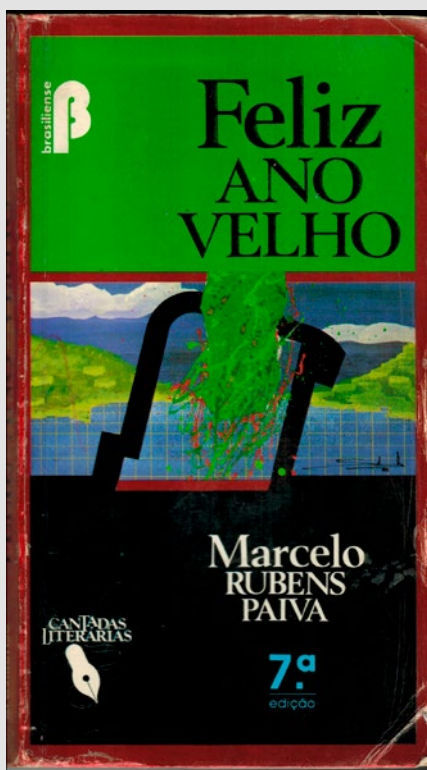
Trinta anos se passaram desde *Feliz Ano Velho*, um dos maiores sucessos editoriais do Brasil. Quais foram as mudanças mais importantes da sua vida neste período?

Naquela época eu tinha 23 anos de idade, era um garoto totalmente idealista, apaixonado por música, que achava que o mundo ia acabar numa guerra nuclear, como todo mundo achava, mas vivi intensamente os anos 80. Um mundo de muita libertação sexual, de costumes, drogas entrando na vida das pessoas com muita intensidade. O Marcelo de hoje é um senhor de 53 anos de idade, que tem uma carreira mais estabelecida no jornalismo, fez um pouco de tudo, já viajou. E esse vive numa época completamente diferente, uma época

em que caiu o Muro de Berlim, o mundo não é mais dividido em dois blocos, em que os sonhos e as utopias foram por água abaixo, um mundo muito mais individualista, as pessoas são muito mais ego-cêntricas, a sociedade brasileira ficou muito mais conservadora. São dois homens diretamente opostos. Um era um cara inseguro, que não compreendia muito bem a vida, não compreendia quase nada as mulheres, o amor e agora é um homem que já passou por todas as experiências, que teve seus desencantos e que tem mais sabedoria para administrar melhor suas angústias pessoais.

Em uma entrevista você revelou que foi impulsionado a se tornar escritor graças ao Caio Graco Prado, amigo de sua família que na época comandava a editora Brasiliense. Acredita que teria enveredado por essa carreira sem este incentivo dele?

Acho que não. Eu tinha sempre esse pé na literatura, mas não desse jeito oficial, como uma carreira a ser seguida. Eu sempre fazia letras de música, poemas, escrevia contos, mas era muito mais por uma vontade de me expressar e porque eu gostava de escrever do que planejando uma vida literária. Naquela época jovens de vinte anos não escreviam livro, quem escrevia os livros eram os grandes sábios da cultura brasileira. O jovem só ia começar a escrever depois de fazer seus quarenta anos, até mesmo fora do Brasil. O Jack Kerouac demorou oito anos pra emplacar o *On The Road*. Imagine eu, que era um moleque, um estudante do 1º ano da ECA. Só que o Caio Graco estava exatamente mudando esse estereótipo, esse paradigma de que a literatura pertencia só a poucas mentes sábias e estava renovando seu leque de escritores, dando apoio a uma nova geração de autores que estava espalhada por aí. Descobriu o Reinaldo Moraes, descobriu o Caio Fernando Abreu, a Ana Cristina César. Ele tinha esse olhar atento com o que estava acontecendo em volta, e sabia que a literatura brasileira estava precisando de uma renovação depois de anos de ditadura militar.



Marcelo Rubens Paiva,
Feliz Ano Velho, capa
da 7ª edição, 1983.

Capa de Gilberto Salvador.
Coleção Cantadas Literárias,
vol. 9, 11,5 x 21 cm.

Como você vê seu papel nesta geração dos anos 80? Você imaginava que o livro se tornaria o grande sucesso que foi?

Não, não imaginava. Como é que um cara que narra sua história numa UTI pode ser a voz da juventude? Você imagina que a voz da juventude era a Blitz, os caras surfando, lindos e com corpos bronzeados. Eu era um garoto tímido que fazia faculdade, frequentava uma boate *punk* no centro da cidade, tinha uns amigos que eram uns *losers*. Então isso virar um fenômeno de massas é surpreendente. E foi muito difícil lidar com isso, porque eu tinha vinte poucos anos. Eu não queria ser ídolo de ninguém, então eu fiquei meio perturbado durante um tempo. Até porque eu não tenho a menor vocação pra

liderança política, eu só queria cuidar da minha vida. Já era tão difícil eu cuidar da minha vida, não queria ser líder. Pode ser uma falta de modéstia minha, mas acho que essa insegurança, esse meu jeito de ser, que representasse algo para as pessoas, e não o Evandro Mesquita, com aquele jeito expansivo, bonito, com garotas lindas na praia. Eu morria de inveja do Evandro Mesquita, eu queria ser ele, não o Marcelo Paiva [risos].

Após *Feliz Ano Velho* você se dedicou a escrever livros ficcionais, afastando-se um pouco da literatura em primeira pessoa consagrada na história de seu acidente. O que o fez tomar esta decisão?

Pode ser que eu ficasse muito tempo preso numa *egotrip* que não fosse muito saudável. Pode ser também que esgotasse, se eu ficasse falando de mim mesmo o tempo todo uma hora não ia ter mais o que falar. Pode ser até uma forma de me preservar, porque eu fiquei no foco das lentes durante muito tempo, então de repente me escondendo atrás de personagens ficcionais eu me sentisse menos exposto. [...] Eu estava vivendo no olho do furacão e não tinha noção disso. Agora com distância é que penso que estava lá no dia das Diretas Já, eu estava lá no dia que a Legião Urbana tocou pela primeira vez em São Paulo, várias coisas que aconteceram e que hoje são momentos da história político-cultural do Brasil.

Fonte: *Revista Brasileiros*, nov. 2012. <http://brasileiros.com.br/2012/11/de-pe-com-marcelo-rubens-paiva/>

4

Filosofia, Antropologia e Sociologia... Profusão de Inovações

Sandra Reimão

NA DÉCADA de 1980, em paralelo aos grandes sucessos de vendas nas coleções voltadas ao público jovem, a Brasiliense também publicou trabalhos densos e complexos com temáticas e procedimentos inovadores. Vários desses títulos se tornaram clássicos das ciências humanas. Entre outros importantes livros de autores brasileiros, a editora Brasiliense publicou:

- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Impressões de Viagem: CPC, Vanguarda e Desbunde, 1960-1970*, 1980 (capa de Ivonne Saruê).
- ZILIO, Carlos; LAFETÁ, João Luiz & LEITE, Ligia Chiappini M. *O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira: Artes Plásticas e Literatura*, 1982 (capa de Ademar Assaoka com ilustração de Miguel Paiva).
- GIANNOTTI, José Arthur. *Trabalho e Reflexão: Ensaios para uma Dialética da Sociabilidade*, 1984 (capa de Moema Cavalcanti).
- BERNARDET, Jean-Claude. *Cineastas e Imagens do Povo*, 1985 (capa de Ettore Bottini com foto de Aloysio Raulino).
- FAUSTO, Ruy. *Marx: Lógica e Política, Investigações para uma Reconstituição do Sentido da Dialética*, 1983 e 1987, 2 vols. (capa de Moema Cavalcanti).



- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e Resistência. Aspectos da Cultura Popular no Brasil*, 1986 (capa do departamento de arte da Brasiliense).
- CATANI, Denice B.; MIRANDA, Hercília T. de; MENEZES, Luís Carlos de & FISCHMANN, Roseli (org.). *Universidade, Escola e Formação de Professores*, 1987 (capa de Ettore Bottini).
- GIANNOTTI, José Arthur. *Universidade em Ritmo de Barbárie*, 1987 (capa de João Baptista da Costa Aguiar).
- TORRES, João Carlos Brum. *Figuras do Estado Moderno: Representação Política no Ocidente*, 1989 (capa de Ettore Bottini).
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro: O Vivido e o Mito*, 1992 (capa de Isabel Carballo).
- PAES, José Paulo. *Gregos & Baianos. Ensaio*, 1985 (capa de João Batista da Costa Aguiar).

A mesma busca por obras densas e inovadoras é verificável também nos títulos de autores estrangeiros de não ficção publicados pela editora Brasiliense nos anos 1980 – são títulos essenciais nos vários campos das ciências humanas e que possibilitaram ao leitor brasileiro acesso ao pensamento daquele momento.

GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: Pulsações Políticas do Desejo*, 1981.

CANEVACCI, Massimo. *Dialética do Indivíduo*, 1981.

CANEVACCI, Massimo. *Dialética da Família*, 1982.

LEFORT, Claude. *A Invenção Democrática: Os Limites da Dominação Totalitária*, 1983.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*, vols. 1, 2 e 3, anos 1985, 1987, 1989.

RAMA, Ángel. *A Cidade das Letras*, 1985.

ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado Absolutista*, 1985.

ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André (org.). *Sexualidades Ocidentais: Contribuições para a História e para a Sociologia da Sexualidade*, 1985.

BAUDRILLARD, Jean. *A Sombra das Maiorias Silenciosas: O Fim do Social e o Surgimento das Massas*, 1985.

MATTELART, Armand & MATTELART, Michele. *Carnaval das Imagens*, 1989.

BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e Democracia*, 1990.

Neste mesmo âmbito, é preciso salientar também a coleção Elogio à Filosofia, dirigida por Marilena Chaui, que publicou:

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Considerações sobre o Governo da Polônia e sua Reforma Projetada*, 1982.

LA BOÉTIE, Etienne de. *Discurso da Servidão Voluntária*, 1ª edição 1982, 4ª edição 1987.

DIDEROT, Denis. *Discurso sobre a Poesia Dramática*, 1982.

BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama Barroco Alemão*, 1984.

KANT, Immanuel. *Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*, 1986.

A partir da amostra citada de livros de filosofia, antropologia, sociologia e áreas próximas, publicadas pela Brasiliense na década de 1980, algumas observações se impõem, a saber:

1. No que diz respeito ao autor nacional é inegável o forte vínculo da editora com pesquisadores do mundo universitário atuantes naquele momento, destacadamente de São Paulo, especificamente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH, da Universidade de São Paulo, USP.

Da listagem de livros citados anteriormente, atuavam como docentes da USP os seguintes autores: José Arthur Giannotti, Ruy Fausto, Marilena Chaui, Maria Isaura Pereira de Queiroz e Ligia Chiappini Moraes Leite vinculados à FFLCH-USP, Jean-Claude Bernardet, vinculado à Escola de Comunicações e Artes, ECA-USP, Denice Bárbara Catani, Hercília Tavares de Miranda e Roseli Fischmann, vinculadas à Faculdade de Educação, FE-USP, e Luís Carlos de Menezes, vinculado ao Instituto de Física da USP, IF-USP.

Heloisa Buarque de Hollanda era vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ; João Luiz Lafetá à Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, e João Carlos Brum Torres à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

2. Ainda observando a publicação de obras não ficcionais de autores brasileiros pela Brasiliense nos anos 1980, é possível notar a forte presença de obras com temas nacionais contemporâneos candentes. O Brasil da década de 1980, em pleno processo de redemocratização, é um país que quer se conhecer, quer ver a sua cara, e a Brasiliense, de maneira condizente com sua denominação, quer participar da elaboração deste retrato. É o que se pode depreender de temas como:

Impressões de Viagem: CPC, Vanguarda e Desbunde, 1960-1970, de He-loisa Buarque de Hollanda, e de *Cineastas e Imagens do Povo*, de Jean-Claude Bernardet.

Outro tema candente no Brasil da reabertura é a discussão sobre a dimensão e a função da universidade. Este é o tema dos livros: *Universidade, Escola e Formação de Professores*, organizado por Denice Bárbara Catani, Hercília Tavares de Miranda, Roseli Fischmann e Luís Carlos de Menezes e *Universidade em Ritmo de Barbárie*, de José Arthur Giannotti.

3. No que tange a tradução e edição em português de obras de ciências humanas e sociais de autores estrangeiros é possível notar duas tendências: por um lado a publicação de clássicos consolidados do século xx, como Walter Benjamin, e, por outro, livros recém-publicados em língua estrangeira e com temas atualíssimos, vinculados ao momento político e social, como *Revolução Molecular: Pulsações Políticas do Desejo*, de Félix Guattari, publicado em 1981, e, *A Sombra das Maiorias Silenciosas: O Fim do Social e o Surgimento das Massas*, de Jean Baudrillard, publicado em 1985.

4. Tanto nos livros de autores nacionais quanto nos de autores estrangeiros nas áreas de ciências sociais e humanas editados pela Brasiliense na década de 1980 é possível notar uma decisão pela publicação da reflexão aprofundada e academicamente sustentada. O que demonstra a clara intenção da editora de participar da bibliografia dos cursos universitários brasileiros, inclusive os de pós-graduação, e da vida intelectual e cultural nacional.

A Brasiliense, nos anos 1980, se junta a outras tradicionais editoras brasileiras que foram responsáveis, em grande medida, pela consolidação do livro universitário brasileiro a partir dos anos 1960: a Zahar, a Civilização Brasileira e a Perspectiva. Como observa Fernando Paixão no livro *Momentos do Livro no Brasil*: “Ao lado de Jacó

Guinsburg [Perspectiva] e de Ênio Silveira [Civilização Brasileira], Jorge Zahar completa o trio dos principais editores que investiram no livro universitário nos anos 60”. É a este trio de editoras universitárias que Caio Graco vem somar a atuação da Brasiliense nos anos 1980 – tanto nas coleções mais introdutórias quanto nas publicações mais aprofundadas e voltadas para a pós-graduação – construindo a bibliografia das ciências humanas e sociais no Brasil.

A publicação voltada para leitores altamente informados e pesquisadores eruditos é também o que se pode ver nas escolhas dos títulos da coleção Elogio à Filosofia.

É possível fazer um paralelo entre a consolidação do livro brasileiro para público culto e universitário entre as décadas de 1960 e 1980 e o movimento semelhante nas décadas de 1920 e 1930 no que se refere ao livro para público de nível médio. No texto “A Revolução de 1930 e a Cultura”, Antonio Candido aponta a década de 1930 como aquela da consolidação “do livro escolar brasileiro para nível médio, atento às necessidades imediatas de nossa cultura e procurando substituir a clássica bibliografia estrangeira”. O autor destaca o papel da Companhia Editora Nacional na consolidação da indústria livreira brasileira nos anos 1930 com seus livros didáticos, atualidades pedagógicas, divulgação científica, literatura infantil e livros de estudos brasileiros².

Quadro 1. Evolução do sistema de Pós-graduação no Brasil (número de cursos).

Nível	1976	1990	1996
Mestrado	490	975	1.083
Doutorado	183	510	541
Total	673	1.485	1.624

Fonte: CAPES/ MEC

2. Antonio Candido, “A Revolução de 1930 e a Cultura”, em *A Educação pela Noite*, p. 232.

A consolidação, nos anos 1930, do livro escolar brasileiros para nível médio teve seus antecedentes na década de 1920 na atuação da editora Monteiro Lobato & Cia. com traços inovadores como preferência pelo autor brasileiro do presente, interesse pelos problemas do momento, busca por especificidades materiais brasileiras na editoração e esforço por preços acessíveis, salienta Antonio Candido no mesmo artigo. Empenhos semelhantes aos encontrados na indústria do livro no Brasil nos anos 1920 e 1930 são identificáveis também no processo de consolidação dos livros universitários de ciências humanas e sociais nas décadas de 1960 a 1980 no Brasil.

5

Brasiliense e o Brasil da Abertura “Lenta, Gradual e Segura”

Flamarion Maués

APÓS A primeira década de regime ditatorial, iniciou-se, no Brasil, um processo de liberalização política, que pode ser indicado como perdurando de 1974 (início do governo Geisel) até 1985 (eleição indireta de Tancredo Neves para a presidência da República). O projeto do governo Geisel era realizar uma transição “lenta, gradual e segura”, que levasse a um regime civil tutelado pelos militares.

A “abertura” estava ligada também a uma reorganização das oposições (setores de esquerda e liberais) em torno das chamadas liberdades democráticas, buscando ampliar as lutas sociais e políticas pela volta do Estado de direito e da democracia. Nesse processo, haveria, principalmente a partir de 1977-1978, a volta às ruas dos movimentos sociais, como o movimento estudantil e o movimento sindical – em particular com as greves no ABC paulista. Teria destaque ainda a campanha pela anistia ampla, geral e irrestrita.

A abertura foi marcada por muitas idas e vindas, com algumas iniciativas de liberalização que eram seguidas, pouco tempo depois, por medidas de exceção, como a cassação de mandatos de parlamentares da oposição ou a morte sob tortura de opositores, como ocorreu na repressão à Guerrilha do Araguaia e nos assassinatos de Vladimir Herzog e Manuel Fiel Filho, no Doi-Codi (Destacamento de Ope-

rações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna) de São Paulo.

Um momento importante na abertura foi a realização de eleições diretas para governadores de estado em 1982 – o que não ocorria desde 1965. Apesar das limitações impostas pela legislação eleitoral, a oposição obteve a vitória em estados fundamentais, como São Paulo (vitória de Franco Montoro – PMDB), Rio de Janeiro (Leonel Brizola – PDT), Minas Gerais (Tancredo Neves – PMDB) e Paraná (José Richa – PMDB). Estas eleições foram o ponto de partida para a campanha das Diretas Já, que em 1984 iria incendiar o país.

Campanha das Diretas

Em apenas três meses, entre os dias 25 de janeiro e 25 de abril de 1984, o Brasil assistiu à maior mobilização popular de sua história até então, a campanha das Diretas Já. Milhões de pessoas foram às ruas para exigir a volta imediata das eleições diretas para presidente da República, proibidas desde o golpe de 1964. O movimento marcou a etapa final da crise do regime civil-militar.

Os primeiros comícios pelas Diretas, ainda pequenos, aconteceram no final de 1983, em Goiânia, Teresina e São Paulo. Mas foi a partir de 25 de janeiro de 1984, com o grande comício da Praça da Sé, na capital paulista, que a campanha deslanchou. Seguiram-se grandes manifestações em todas as capitais e nas maiores cidades do país, até chegarmos aos gigantescos comícios de abril no Rio de Janeiro (Candelária) e São Paulo (Anhangabaú), que reuniram, cada um, mais de um milhão de pessoas.

As palavras de ordem “Diretas Já” resumiam de forma simples toda uma situação de insatisfação com o governo do general João Figueiredo e todo um projeto político para pôr fim à ditadura por meio de uma ruptura democrática. Ademais, colocava um ingredien-

te novo no processo: o povo, mobilizado em torno da ideia de fazer do país novamente uma democracia.

A campanha das Diretas Já gerou momentos de intensa mobilização e alegria. Fez voltar às ruas a liberdade de manifestação e expressão, juntando pessoas e organizações de diferentes tendências e ideologias. Foi um curto período em que o povo tomou as ruas em uma luta pela retomada de uma prerrogativa democrática básica: a eleição direta do presidente.

Um fator fundamental para o êxito da campanha foi ter sido uma iniciativa verdadeiramente suprapartidária, com a participação dos principais partidos de oposição, do movimento sindical, de setores progressistas da Igreja liderados pela CNBB, Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, de entidades da sociedade civil, como a OAB, Ordem dos Advogados do Brasil, e ABI, Associação Brasileira de Imprensa, além de toda uma vasta gama de movimentos sociais que vinham se organizando desde os anos 1970.

Foi muito importante também o apoio de personalidades públicas à campanha, como artistas, músicos e atletas, alguns dos quais se engajaram pra valer e participaram de vários comícios, como o locutor esportivo Osmar Santos (“o locutor das Diretas”), o cartunista Henfil, a cantora Fafá de Belém e o jogador de futebol Sócrates, entre muitos outros. Uma figura destacada foi a do editor Caio Graco, da editora Brasiliense, que também se engajou publicamente na campanha. Foi ele que lançou a ideia de usar o amarelo como a cor das Diretas Já. Graco disse ter se inspirado nas manifestações populares nas Filipinas contra o então presidente Ferdinand Marcos, em que os manifestantes estavam todos de amarelo. E a sua ideia foi aceita pelos apoiadores das Diretas: nos comícios e nas ruas viam-se pessoas com roupas amarelas, ou um broche, um chapéu, uma fita no pulso ou na lapela, sempre amarelos. O amarelo passou a representar o apoio às Diretas Já.

Derrota no Congresso

Mas, apesar de toda a mobilização e do enorme apoio popular que a campanha das Diretas conseguiu reunir, o regime ainda tinha alguma força e apoio em setores economicamente poderosos. Usando os recursos políticos e militares de que dispunha, o governo fez de tudo para impedir que a emenda das Diretas fosse aprovada no parlamento. A TV Globo, por exemplo, boicotou abertamente a campanha das Diretas até o comício da Candelária, no dia 10 de abril de 1984. Na semana da votação da emenda, o governo decretou Medidas de Emergência em Brasília, criando uma situação de estado de sítio na capital do país, impedindo manifestações e reuniões políticas e proibindo a transmissão da sessão de votação por rádio e TV.

A pressão deu resultado. Apesar de obter ampla maioria, 298 votos a favor, 65 contra e uma abstenção, faltaram 22 votos para se alcançar os 320 votos necessários para a aprovação.

Abria-se assim o caminho para a negociação, pelo alto, da sucessão presidencial, sem a participação direta da população, a ser resolvida pelo mesmo Colégio Eleitoral ilegítimo contra o qual a campanha das Diretas se insurgira. O resultado foi a escolha indireta da chapa Tancredo Neves/José Sarney. As eleições diretas para presidente somente ocorreram em 1989, depois da realização da Assembleia Nacional Constituinte.

Para os que se empenharam a fundo na campanha, ficou aquele gosto amargo na boca, aquele “grito preso na garganta”. A maior mobilização popular que o país já vira fora derrotada no parlamento, marcando mais uma vez a distância entre as instituições e o povo no Brasil. Mas ficou também a certeza de que havia espaço e condições para mobilizar e organizar a sociedade e lutar por um país melhor e mais justo.

O AMARELO E O *PLAYBOY*

Depoimento de Eugenio Bucci

No ano longínquo de 1984 eu militava no movimento estudantil, presidia o Centro Acadêmico XI de Agosto e tinha o privilégio de ser amigo de Caio Graco Prado, da editora Brasiliense. No comecinho daquele ano ele me veio com uma ideia de *marketing* político que eu descartei liminarmente, achando que era coisa de *playboy*. Agora, ao longo desta semana, lembrei-me muito daquela conversa – e você já vai entender por quê.

Aos meus olhos infanto-juvenis, o Caio era contraditório. Esbanjava entusiasmo com as utopias socialistas. Ao mesmo tempo, não recusava nenhum dos luxos burgueses. Idolatrava o deputado estadual Eduardo Suplicy (“um santo”, ele dizia) e desfilava feliz da vida com um MP Lafer sem capota. Com intuição e engenho, soube imprimir à Brasiliense uma linha subversiva tanto na esfera da política como no plano dos costumes. Prestigiou autores nada acomodados, como Caio Fernando Abreu, lançou Marcelo Rubens Paiva com *Feliz Ano Velho*, encomendou ao poeta Paulo Leminski uma biografia de Leon Trotsky e publicou dezenas de obras de pura provocação, como *Porcos com Asas*, de Marco Radice e Lidia Ravera. A Brasiliense de Caio Graco era um polo cultural do Brasil nos anos 1980. Por ser de esquerda, enfurecia os militares (que não tinham como censurá-la). Por ser libertária, causava urticária nos comunistas da velha guarda (que não podiam amaldiçoá-la em público).

Na nossa conversa do início de 1984, Caio estava empolgado. “Quero lançar uma campanha: ‘Use Amarelo pelas Diretas!’”, em seguida, bateu as duas mãos abertas na mesa e me intimou: “Por que não fazemos isso pelo XI de Agosto?”

Torci o nariz. Não que eu fosse contra as eleições diretas, éramos todos a favor (a bandeira entrara na agenda das ruas em 27 de novembro de 1983, num comício de quinze mil pessoas, convocado

pelo PT, em frente ao Estádio do Pacaembu). Mas aquela história de “usar amarelo” me pareceu afetação de esquerdista grã-fino. Do alto da minha caretice arrogante, recusei polidamente a proposta: o XI de Agosto não iria entrar no ramo de figurino de passeata.

Sim, sim, é óbvio que cometi um erro crasso, preconceituoso e estúpido. Dias depois, o então senador Severo Gomes envergaria uma gravata amarela e lançaria a moda que virou uma onda gigantesca. Eu aderi, é claro, como todo mundo, numa euforia intensa e breve. Em abril daquele mesmo ano, a emenda que restabeleceria o voto direto foi derrotada no Congresso Nacional. Tivemos de esperar mais cinco anos para votar. [...]

Eugênio Bucci, “O Amarelo e o *Playboy*”, *O Estado de S. Paulo*, 16 de abril de 2015 .

6

Redescobrimo o Brasil em HQ: Brasiliense e o Brasil dos Anos 1990

João Elias Nery

NOS ANOS 1990 a editora Brasiliense publicou a coleção Redescobrimo o Brasil. A coleção associava a linguagem dos quadrinhos à interpretação da história do país, e, com isto, buscava atrair os públicos interessados nessa linguagem para a compreensão dos principais marcos da história – do “descobrimento” à República.

Os textos foram escritos por Júlio José Chiavenatto – *Olha Lá o Brasil! E Finalmente Portugal nos Descobriu* – e Lilia Moritz Schwarcz – *Da Colônia ao Império: Um Brasil para Inglês Ver e Latifundiário Nenhum Botar Defeito* e *Cai o Império! República Vou Ver!* Os quadrinhos foram criados por Miguel Paiva (*Olha Lá o Brasil!...* e *Da Colônia ao Império...*) e Angeli (*Cai o Império!...*).

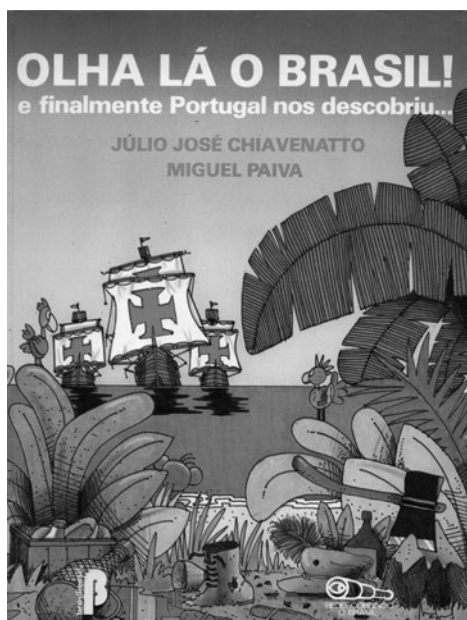
Como resultado das iniciativas da imprensa alternativa dos anos 1970 e do contexto cultural dos anos 1990, havia no país espaço para publicação dos quadrinhos produzidos por brasileiros na grande imprensa e também em livros tanto de grandes editoras – como a Brasiliense – quanto de outras de menor porte e, mesmo, das especializadas em quadrinhos, como a Circo Editorial, na qual autores como Angeli, Laerte, Glauco, Paulo e Chico Caruso, que se destacaram no período da ditadura militar (1964-1985), publicaram suas produções.

A linguagem intencionalmente irônica do texto, associada ao humor das HQs, inserem estas obras no contexto crítico do período em que a sociedade revisitava aspectos da história do país e procurava reinterpretar o passado à luz da redemocratização

As capas dos livros expressam a linha editorial da coleção. Em todas elas predomina a associação entre título, textos e imagens, que indicam o viés irônico e crítico adotado. Assim, por exemplo, em *Cai o Império! República Vou Ver!*, a leitura da primeira e quarta capas revelam a trajetória do império no Brasil. O texto da quarta capa afirma que o livro reconta a história do Brasil “... através do diálogo descontraído de quadrinhos e texto...”. Afirma, ainda, o texto, que o livro aborda o período que vai do “... golpe da maioria até a Proclamação da República”.

As imagens mostram o imperador, na primeira capa, confortavelmente instalado, sendo sustentado pelos segmentos da sociedade – escravos, Igreja Católica, latifundiários, exército e burguesia. Na imagem, tais segmentos mantêm o imperador em seu trono. No decorrer do livro, textos e imagens apresentam dissensões e conflitos entre os segmentos citados, até que, na quarta capa, o imperador aparece caído no chão, sem a coroa ou alguém a sustentá-lo! O diálogo entre imagens e texto revela uma sofisticada construção conceitual acerca do processo que levou ao fim do império e proclamação da República.

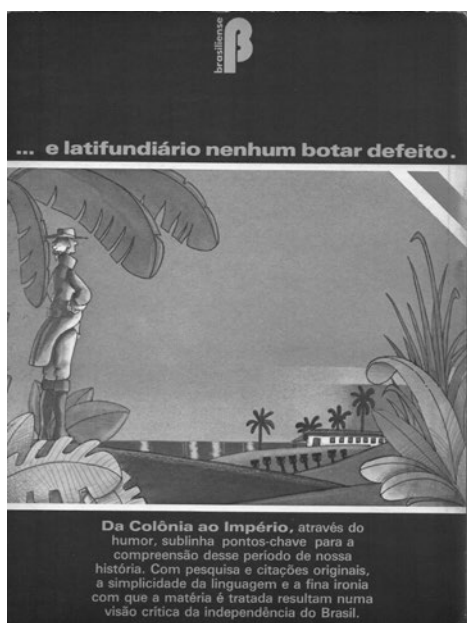
É importante ressaltar que havia, também, na década de 1990, reflexões teóricas acerca dos quadrinhos que iam além da oposição binária bem e mal, diversão e alienação, que caracterizara a análise desse fenômeno da cultura de massas do século xx. Da abordagem de Umberto Eco em *Apocalípticos e Integrados* à análise de pesquisadores brasileiros, o interesse pelos quadrinhos como tema de pesquisa passava por um processo de expansão e busca de novas metodologias de análise. A editora Brasiliense contribuiu para o debate publicando na Primeiros Passos o livro *O Que São Histórias em Quadrinhos*, da pesquisadora Sônia Maria Bibe Luyten.



Olha lá o Brasil!, de
Júlio José Chiavenatto
e Miguel Paiva.

Primeira e quarta capas
com ilustrações em
continuidade de sentidos



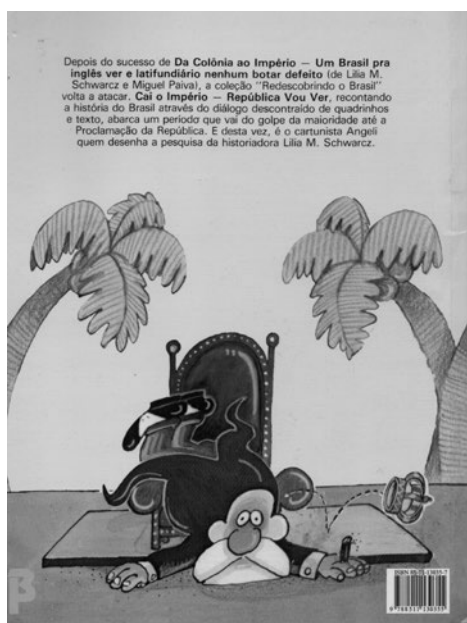


Da Colônia ao Império,
de Miguel Paiva e Lilia
Moritz Schwarcz.

Primeira e quarta capas
com ilustrações em
continuidade de sentidos.

***Cai o Império! República Vou Ver!*, de Angeli e Lilia Moritz Schwarcz**

“Na primeira capa imperador, instalado, sendo sustentado pelos segmentos da sociedade – escravos, Igreja Católica, latifundiários, exército e burguesia. [...] na quarta capa, o imperador aparece caído no chão, sem a coroa ou alguém a sustentá-lo!”



7

Leia Livros: Cultura em Debate

Andrea Lemos

O JORNAL *Leia Livros* foi lançado em 1978 sob a direção de Caio Graco Prado e Cláudio Abramo, com a proposta de ser um espaço de debates sobre livros recém-publicados, tornando-se mais uma novidade no conjunto das publicações da Brasiliense no momento de abertura democrática.

Os livros lançados pela editora naqueles anos versavam sobre os temas das áreas de “literatura geral, literatura infanto-juvenil, administração, antropologia, comunicações e arte, ciência e tecnologia, economia, educação, filosofia, história, política, psicologia e sociologia”, sendo seu catálogo constituído de livros, revistas acadêmicas e coleções¹. O jornal *Leia Livros* apresentou-se como um novo formato no catálogo da editora: “um *book review* [...] em formato tabloide [...] chegou a ter 3 600 assinantes e uma tiragem de doze mil exemplares”².

Cada número do jornal *Leia Livros*, lançado mensalmente, tinha em média vinte páginas, e dividia-se em cinco seções: Editorial, Bilhete, Artigos, Resenhas, Gerais. As seções Editorial e Bilhete com-

1. Para elaborar este capítulo a autora partiu de dois trabalhos seus anteriores: o artigo “A Editora Brasiliense e a Oposição à Ditadura Civil-Miliar Brasileira” e a tese *Civilização Brasileira e Brasiliense: Trajetórias Editoriais, Empresários e Militância Política*.
2. Fernando Paixão, *Momentos do Livro no Brasil*, p. 175.

punham a primeira página, juntamente com o sumário, e eram os espaços para textos de seus idealizadores. Neles, Caio Graco Prado e Cláudio Abramo expunham suas visões sobre o mercado de livros e a política brasileira.

O Editorial do primeiro número de *Leia Livros* foi aberto por Caio Graco sob o título “A Parcialidade Consciente”. Nele, o editor defendeu que o jornal pretendia ser “o reflexo da parcialidade consciente de todos nós” referindo-se genericamente às posições políticas que julgava imparciais, sem especificá-las.

A seção de Cláudio Abramo, Bilhete, que sempre figurava ao lado do editorial de Caio Graco, mas sem título de matéria, foi publicada desde a primeira edição. Contendo, em geral, comentários de livros, e às vezes da conjuntura política, o jornalista defendeu nesta seção que o ineditismo da publicação não era ser um periódico sobre livros – tendo em vista os jornais de grande circulação já apresentarem cadernos a respeito, além de outras publicações isoladas – mas, sim, criar um espaço de debate cultural.

Essa ideia expressa um projeto mais amplo da Brasiliense sob a direção de Caio Graco: o compromisso com a criação de espaços de reflexão promotores da construção democrática. Ao longo dos seis anos de existência do jornal, Caio Graco aproximou linha editorial e militância política e inseriu em seu *book review* um espaço de divulgação de análises sobre o mercado editorial e a conjuntura política brasileira. Nesse contexto, simultaneamente, o editor lançou a cor amarela como cor-símbolo da campanha da Diretas Já, apoiou a criação do Partido dos Trabalhadores, lançou livros, coleções e revistas formativas e ainda promoveu uma relação mais direta entre universidade e público leitor.

Os debates realizados na livraria da Brasiliense, naqueles anos, são um exemplo do caráter indissociável entre sua função de editor e a militância política, pois a livraria não se limitava a um espaço de vendas de livros e, mesmo que com o propósito de atrair o público

consumidor, passava a funcionar como uma espécie de Universidade Aberta. Os títulos da coleção Primeiros Passos, por exemplo, tornaram-se temas de aulas na livraria, com o propósito de ampliar sua divulgação. O espaço de debate se estendeu através da porta da livraria e se ampliou para autores de vários livros recém-lançados.

No bojo do processo de redemocratização, as aulas, os debates, os temas das publicações, os formatos com textos mais sucintos e a apresentação em público de livros lançados pelos próprios autores constituíram, em conjunto com o *Leia Livros*, ações para abrir caminhos de formação e participação política, atreladas às estratégias comerciais da editora.

Ainda no texto de apresentação do primeiro volume do jornal, Caio Graco Prado argumentou que não existe progresso sem cultura. O editor criticou a falta de incentivo ao livro, acrescentando que se todos os municípios tivessem bibliotecas públicas, os editores venderiam muito para o governo e o preço dos livros seria mais baixo para a população. Ele criticou o fato de o preço do livro restringir seu acesso a uma “elite”. Segundo Graco, “estabeleceu-se aparentemente um círculo vicioso entre edições caras por serem pequenas e um público que não lê porque não dispõe de recursos para tanto e por isso não se cria em nossa terra o hábito da leitura”.

Desde o primeiro editorial de Caio Graco apresentavam-se questões relativas à política brasileira e ao mercado de livros, assuntos prioritários. O conteúdo da seção, a partir dos temas mais frequentes no período de existência do periódico, foi composto da seguinte maneira: aspectos gerais da conjuntura política e econômica; mercado de livros, feiras e livrarias e avaliações sobre a edição do *Leia Livros*.

Apesar da questão da censura e das Diretas Já terem sido abordadas em textos do editor Caio Graco Prado, os temas mais frequentes em seus editoriais diziam respeito aos desafios do mercado. Tais desafios foram abordados de diferentes maneiras, seja no reconhecimento de um estado de crise econômica, seja versando sobre as

estratégias de mercado criadas para superar crises e nas formas de divulgação do seu produto no mercado cultural.

A análise do editor sobre a situação econômica em 1980 reconhece que, apesar da crise, algumas editoras tiveram aumento nos lançamentos e conquistaram novos leitores. Exemplifica citando os casos da Record, Nova Fronteira, Melhoramentos e Brasiliense.

Destaquemos, neste contexto, as estratégias de expansão de mercado da Brasiliense. Para além do sucesso de vendas da coleção *Primeiros Passos* com o livro de bolso que lhes garantiu aquela posição no mercado, Caio Graco também promoveu uma campanha voltada à TV e ao mercado de discos para aumentar os leitores de livros no Brasil. Esta estratégia pode ser exemplificada pelas novidades lançadas no *Leia Livros*: uma nova seção dedicada aos discos e fitas. Sua intenção era fazer com que os leitores da nova seção “escorregassem” o olhar de vez em quando para a seção dos livros, induzindo os “escutadores” a se tornarem também leitores. Graco ressaltou que, apesar de valorizar as duas atividades culturais com fins estratégicos, continuava a defender a leitura acima de tudo.

A divulgação habitual de livros não era suficiente, segundo Caio Graco, para aumentar o público leitor. A televisão poderia ser um bom caminho para formação de novos leitores, por isso sugeria que aparecesse um letreiro durante os programas, filmes, novelas etc., dizendo que “sobre esse e outro qualquer assunto, você encontrará diversos livros, visite seu livreiro”.

Atento ao aumento do público leitor-consumidor, Graco também dirige sua preocupação no *Leia Livros* ao público universitário, ao tratar da questão das verbas destinadas às universidades, criticando a política estatal. Havia, para o editor, uma falta de diálogo entre governo e sociedade.

Apesar da propalada crise econômica nos anos de 1980 a 1982, foi neste intervalo que houve o maior volume da produção de livros no Brasil desde 1964 e até 1985. Nesse contexto, Caio Graco admite di-

ficuldades financeiras e em tom melancólico escreve o editorial de despedida da publicação. O último editorial ressalta que o projeto do *Leia Livros* era um sonho coletivo e afirma que, apesar de algumas conquistas, não superou as dificuldades financeiras e a falta de apoio de editoras – especialmente das grandes – que reconheciam a publicação como “Jornal do Caio” ou “Jornal da Brasiliense”.

Os desafios das novas condições do mercado editorial acarretaram em poucos anos o fim, em 1984, do jornal. Ao longo dos seis anos de existência de *Leia Livros*, Caio Graco consolidou sua função de editor e promotor do debate cultural, sempre atento a uma perspectiva de leitura menos acadêmica, visando ampliar seu público-alvo e estendendo sua visão progressista ao mercado editorial brasileiro.



Porção superior da capa do Jornal *Leia Livros* (30 x 50cm)

Ano I, número 1, 15 de maio a 14 de junho de 1978. *Diretor*: Caio Graco Prado. *Secretário Geral*: Caio Tulio Vieira Costa. *Arte e Diagramação*: Virgínia Murano.

DE RELANCE

Leia livros começou a circular em São Paulo, em maio pp. Tablóide de 24 páginas, bem apresentado, esse mensário se propõe contribuir para animar o movimento editorial brasileiro, pela divulgação de novos livros, críticas e resenhas, além de artigos. Diretor é Caio Graco Prado, secretário geral Cláudio Abramo. A revista tem correspondentes em Washington, Paris, Londres e Califórnia. A publicação é da Editora Leia Livros Ltda. Vem cooperar para tornar ainda mais forte o esforço de todos aqueles que, editando jornais especializados em livros ou cadernos dedicados a esse assunto nos principais jornais do País, lutam para fazer do Brasil um país que efetivamente lê. • Alec Nisbett dá-nos ótimo

A revista *Ciência e Cultura* de 30 de agosto de 1978 enalteceu o lançamento do jornal *Leia Livros*.

Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/003069/25305>.

LIVROS E REVISTAS

JORNAL, LIVROS, CIÊNCIA

Num país em que, ao que se diz e parece, é ainda pequeno o hábito da leitura, não deixa de causar surpresa o êxito de *Leia livros*, mensário que divulga o movimento editorial brasileiro, classificando as obras por especialidade. É verdade que o faz com habilidade, intercalando no noticiário e nos pequenos comentários sobre livros, artigos de interesse geral, especialmente de natureza sóciopolítica.

Essa publicação encontra-se em seu quinto ano de existência. Traz diversos anúncios de editoras, inclusive universitárias. Edição da Editora Leia Livros Ltda. Rua General Jardim 160. 01223 São Paulo SP.

Leia livros divide-se em três partes bem marcadas: artigos, chamadas e gerais (indicação simples dos livros, em classificados, e lançamentos do mês). A distribuição nacional é feita pela S. A. O Estado de São Paulo. São 28 páginas, tamanho tablóide, muito variadas.

Em 1983, a revista *Ciência e Cultura* destacou os cinco anos do jornal.

Fonte: <http://memoria.bn.br/DocReader/003069/37596>.



OBM-CPB-098

SP, 1/6/81

Ilma Sra.
Odette de Barros Mot
Prezado Assinante,

Sua assinatura terminou no número 35, de maio p.p. Como você foi um leitor de *Leia Livros* tanto tempo, a falta da sua renovação nos dá a tristeza da perda de um amigo.

Você ainda pode não perder a sequência da publicação renovando imediatamente sua assinatura.

Dependemos, para continuar neste nosso esforço cultural, de sua cooperação.

Odette posso debitar em EDITORA LEIA LIVROS LTDA. *Conta corrente? Tenho promessa assumida de não dar o 'Leia' e você merece tanta...*
P.S.: Caso você tenha renovado, esqueça esta carta.

Beijo

EDITORA LEIA LIVROS LTDA.

Rua Barão de Itapetininga, 93 — 12º andar — CEP 01042 — Fone: 231-1422 — São Paulo

Correspondência de Caio Graco Prado para a escritora Odette de Barros Mot datada de 1º junho de 1981 sobre a renovação da assinatura do jornal *Leia Livros*. Manuscrito: “Odette, posso debitar em conta corrente? Tenho promessa assumida de não dar o ‘Leia’ e você merece tanto... Beijo”.

Fonte: Arquivo Instituto de Estudos Brasileiros – IEB-USP; Fundo Odette de Barros Mot, código do documento: OBM-CPB-098.

8

Depoimentos e Relatos

ANDRÉ FORASTIERI (jornalista): “Era uma vez uma editora Brasiliense. Ela mudou o Brasil, começando pelos jovens, começando por mim. Eu tinha quatorze anos quando a Brasiliense estourou. Era mais que uma editora, era um estilo de vida, uma bandeira, uma paixão. A gente lia os livros sem nem saber direito o que eram, só porque eram lançamentos da Brasiliense. A Brasiliense era militante da leitura, das ideias, do arejar da vida.

Tinha seu próprio jornal literário, o *Leia Livros*. Lançou a coleção Primeiros Passos, de livrinhos de bolso acessíveis, escritos por grandes nomes, que se propunha a explicar o mundo para adolescentes.

Na coleção Cantadas Literárias, fomos apresentados a novíssimas vozes – Ana Cristina César, Caio Fernando Abreu, Reynaldo Moraes, Leminski, Ledusha, e um garotão chamado Marcelo Rubens Paiva. E a série Encanto Radical, de livretos sobre heróis da contracorrente? E a Circo de Letras... e *beatniks*, anarquistas, *noir*... Era o fim da ditadura, e o começo de outro país, e a Brasiliense foi fundamental para seu nascimento.

A Brasiliense era de um cara chamado Caio Graco, meio *playboy*, muito inteligente, que herdou a editora. Assumiu uma empresa de nome, mas à beira da falência, e em poucos anos fez dela sucesso de

crítica e fenômeno de vendas. Soube atrair gente muito talentosa – autores, tradutores, ilustradores. Gente que irrigou o cenário cultural em anos vindouros. A história da Brasiliense é principalmente a história do encontro de Caio com um estagiário, que logo se tornou editor. E no futuro se tornaria o mais respeitado editor da geração seguinte: Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras.

Quase vinte anos depois do auge da Brasiliense, quando tive minha própria editora [...]. O mundo, e o mundo dos livros e da comunicação, era outro quando fizemos a Conrad Livros, entre 2000 e 2005. E de lá para cá mudou mais ainda. Que bom que é assim [...]”. (Fonte: <http://noticias.r7.com/blogs/andre-forastieri/2012/12/03/o-brasil-que-a-brasiliense-criou/>)

JOÃO BAPTISTA DA COSTA AGUIAR (designer): “Caio Graco Prado, posso dizer que se tratava de um editor inquieto” (entrevista a Gisela Creni e Sandra Reimão).

MOEMA CAVALCANTI (designer): “Acho que ainda não consegui descrever o Caio com um só adjetivo. Acho que ele é multifacetado...” (entrevista a Gisela Creni e Sandra Reimão).

MOACIR AMÂNCIO (jornalista): “O estilo de Caio Graco uniu utopia e mercado” (*O Estado de S. Paulo*, 20.6.1992, Caderno 2, p. 2).

PEDRO PAULO DE SENNA MADUREIRA (editor): “Foi o último dos editores da linhagem de José Olympio, Jorge Zahar, Alfredo Machado, Ênio Silveira e Jacó Guinsburg. Estes são editores históricos porque colocaram suas utopias políticas acima do projeto empresarial. Ao mesmo tempo, como editor, Caio fica como uma lição de modernidade [...]” (citado em *O Estado de S. Paulo*, 20.6.1992, Caderno 2, p. 2).



Caio Graco em foto de foto de Juvenal Pereira.

O Estado de S. Paulo, 20.6.1992, Caderno 2, p. 2

JÚLIO CARLOS DUARTE (jornalista): “Caio Graco Prado: [...] o Indiana Jones da cultura brasileira. Como o personagem arqueólogo de Steven Spielberg seu trabalho como editor foi marcado por extrair das tumbas da modernidade a geração *beat* dos anos 50. Ele lançou no Brasil os clássicos do *underground* norte-americano [...]. Também restaurou para os anos 80 a literatura marginal dos anos 70, com os poetas Chacal, Ana Cristina Cesar e Paulo Leminski [...]” (“A Brasileira Vai ao Mercado”, *O Estado de S. Paulo*, 8.6.1988, Caderno 2, p. 1).

“CAIO GRACO ‘o Rei Midas da Editora Brasileira’” (Revista *Interview*, n. 94, 1986, citado por Luis Bernardo Pericás, *Caio Prado Júnior: Uma Biografia Política*, p. 264).

LUIZ SCHWARCZ (editor): “Caio chegava na Barão de Itapetininga, e depois na nova sede na rua General Jardim, em plena Boca do Lixo,

e já no elevador ou subindo as escadas exalava comprometimento e otimismo. Por vezes me pergunto se o otimismo é característica natural dos editores, por trabalhar com um produto que se realiza tão lentamente, ou se tenho esta visão da profissão por ter passado pela escola da Brasiliense. [...] Caio Graco me incutiu otimismo na veia [...]. Senti saudade do Caio Graco, da boa, ao reconhecer publicamente – bem na hora de falar, justo com um bocado de gente me olhando – o quanto devo a ele, e o quanto do seu legado tento transmitir aos jovens que hoje dividem os dias comigo na Companhia das Letras” (Fonte: “O Legado de Caio Graco”, *Blog da Companhia*, 5.12.2013. <http://historico.blogdacompanhia.com.br/2013/12/o-legado-de-caio-graco/>).

LUIS BERNARDO PERICÁS (historiador): “Caio Graco (que começou como *office boy* entre os 18 e 19 anos, no escritório carioca da empresa do pai, passando por todos os seus departamentos) foi uma das personalidades mais emblemáticas do mundo editorial nacional de sua época. Sua lenda transcendia a esfera das letras. Não só era praticante de *motocross* e um dos pioneiros em voar de asa-delta no Brasil como teria sido até mesmo o primeiro a iniciar Amyr Klink na arte de velejar. Por sua iniciativa foram lançados e difundidos autores que agitaram a juventude dos anos 1970 e 1980, como Jack Kerouac, Charles Bukowski, Chacal e Paulo Leminski, só para citar alguns” (Luis Bernardo Pericás, *Caio Prado Júnior: Uma Biografia Política*, p. 264).

9

Caio Graco por Caio Graco

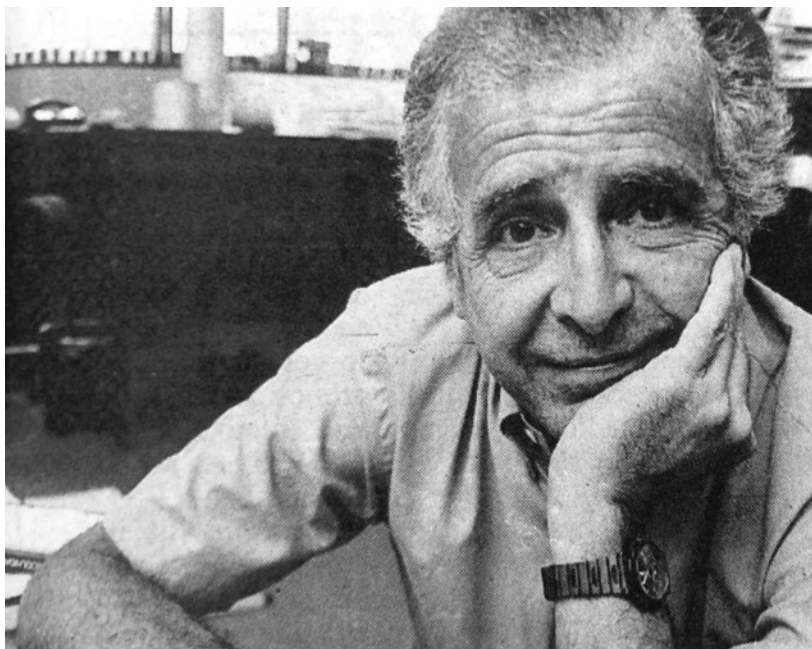
[...] TUDO o que vou dizer aqui representa o meu ponto de vista como editor e como pessoa. São opiniões formuladas ao longo dos anos.

A função do que chamo editoração, dentro desse mercado [de opinião], é a de agitação cultural. No papel de editor sempre me considere um agitador cultural e acho que nossa função é determinar esta ou aquela linha. Ou seja, a função das pessoas que estão em posição de multiplicadores de opinião é exatamente a de multiplicar opiniões e deixar que cada um decida por si qual e sua política e sua opinião pessoal. Alias, o lema da Brasiliense, que corresponde a isto, é “Dividir opiniões, multiplicando cultura”.

Acho que editar é um risco, um jogo e uma aventura. É o resultado de um acúmulo de experiências, não definido nem quantificado. É, sobretudo, uma atividade extremamente pessoal. [...]

Essa é uma responsabilidade que temos de assumir enquanto editores: a de que a editoração é uma atividade inevitavelmente pessoal. A não ser, é claro, que se trate de editoração de livros técnicos, livros de ensaio específico, onde as considerações de mercado são mais fortes.

Dentro da gama geral de atividades, considero o exercício de editar uma das atividades mais humanas. E, por isso, somente é bom edi-



Caio Graco da Silva Prado (1931-1992) em foto de Cristina Guerra.

Folha de S. Paulo, 13.1.1990, F1 (Suplemento *Letras*, p. 1).

tor aquele que é editor com paixão – a única forma de fazer vencer. É com base neste ponto de vista que faço esta exposição: como eu acho e como eu sou.

Da mesma forma, a leitura é também uma aventura, um jogo. Entrar em uma livraria, escolher um livro, optar por um título ou outro, um assunto ou outro é uma aventura da qual não se sabe o fim. [...]

Assim, no que se refere ao mercado de opiniões, quem lê um livro não participa de uma uniformidade, mas de uma diversidade de opiniões, a menos que o livro seja mal-intencionado no sentido de uniformizar e padronizar a todos. [...]

A proposta editorial da Brasiliense é mudar o mundo. É uma proposta muito ampla e longa, mas sabemos que a mais longa viagem

começa com o primeiro passo. Participar desta viagem é o mais importante, porque jamais chega-se ao fim. Não estou contente com o mundo como está e pretendo ajudar a mudá-lo. Essa é a política da Brasileira: uma política de agitação cultural. [...]

O nosso tema hoje inclui uma apreciação sobre uma política integrada para o livro no país. Acho que o primeiro cuidado diz respeito a garantir aos editores e aos leitores autogestão absoluta sobre o que editam e sobre o que leem, isto é, liberdade total para todos. [...] Acho que o governo tem a obrigação de desenvolver o país e, neste caso, a cultura precede necessariamente o desenvolvimento. Enfim, colocar livros à disposição de todos estabelecendo acordos com bibliotecas de escolas, de bairro, de municípios...”

Excertos de palestra proferida em 1986, transcrita e publicada com o título “Mercado de Opinião e Políticas Editoriais” no livro organizado por José Carlos Rocha, *Políticas Editoriais e Hábitos de Leitura*, pp. 105-109.

ANEXOS

Anexo 1. Coleção Primeiros Passos (1980-1985)

150 Primeiros Títulos

	Título	Autor
1	<i>O Que É Socialismo</i>	Arnaldo Spinder
2	<i>O Que É Comunismo</i>	Arnaldo Spinder
3	<i>O Que É Sindicalismo</i>	Ricardo C. Antunes
4	<i>O Que É Capitalismo</i>	Afrânio Mendes Catani
5	<i>O Que É Anarquismo</i>	Caio Túlio Costa
6	<i>O Que É Liberdade</i>	Caio Prado Jr.
7	<i>O Que É Racismo</i>	Joel Rufino dos Santos
8	<i>O Que É Indústria Cultural</i>	José Teixeira Coelho Neto
9	<i>O Que É Cinema</i>	Jean-Claude Bernardet
10	<i>O Que É Teatro</i>	Fernando Peixoto
11	<i>O Que É Energia Nuclear</i>	José Goldemberg
12	<i>O Que É Utopia</i>	Teixeira Coelho
13	<i>O Que É Ideologia</i>	Marilena Chaui
14	<i>O Que É Subdesenvolvimento</i>	Horacio Gonzáles
15	<i>O Que É Jornalismo</i>	Clóvis Rossi
16	<i>O Que É Arquitetura</i>	Carlos A. C. Lemos

17	<i>O Que É História</i>	Vavy Pacheco Borges
18	<i>O Que É Questão Agrária</i>	José Graziano da Silva
19	<i>O Que É Comunidade Eclesial de Base</i>	Frei Betto
20	<i>O Que É Educação</i>	Carlos Rodrigues Brandão
21	<i>O Que É Burocracia</i>	Fernando C. Prestes Motta
22	<i>O Que São Ditaduras</i>	Arnaldo Spindel
23	<i>O Que É Dialética</i>	Leandro Konder
24	<i>O Que É Poder</i>	Gérard Lebrun
25	<i>O Que É Revolução</i>	Florestan Fernandes
26	<i>O Que São Multinacionais</i>	Bernardo Kucinski
27	<i>O Que É Marketing</i>	Raimar Richers
28	<i>O Que São Empregos e Salários</i>	P. R. de Souza
29	<i>O Que São Intelectuais</i>	Horacio González
30	<i>O Que É Recessão</i>	Paulo Sandroni
31	<i>O Que É Religião</i>	Rubem Alves
32	<i>O Que É Igreja</i>	P. Evaristo, Cardeal Arns
33	<i>O Que É Reforma Agrária</i>	J. Eli Veiga
34	<i>O Que É Stalinismo</i>	J. Paulo Netto
35	<i>O Que É Imperialismo</i>	Afrânio Mendes Catani
36	<i>O Que É Cultura Popular</i>	A. Augusto Arantes
37	<i>O Que É Filosofia</i>	Caio Prado Jr.
38	<i>O Que É Método Paulo Freire</i>	C. R. Brandão
39	<i>O Que É Psicologia Social</i>	S. T. Maurer Lane
40	<i>O Que É Trotskismo</i>	J. Roberto Campos
41	<i>O Que É Islamismo</i>	Jamil A. Haddad
42	<i>O Que É Violência Urbana</i>	Regis de Moraes
43	<i>O Que É Poesia Marginal</i>	Glauco Mattoso

44	<i>O Que É Feminismo</i>	B. M. Alves; J. Pitanguy
45	<i>O Que É Astronomia</i>	Rodolfo Caniato
46	<i>O Que É Arte</i>	Jorge Coli
47	<i>O Que São Comissões de Fábrica</i>	R. Antunes; A. Nogueira
48	<i>O Que É Geografia</i>	Ruy Moreira
49	<i>O Que São Direitos da Pessoa</i>	Dalmo de Abreu Dallari
50	<i>O Que É Família</i>	Danda Prado
51	<i>O Que É Patrimônio Histórico</i>	Carlos A. C Lemos
52	<i>O Que É Psiquiatria Alternativa</i>	Alan Índio Serrano
53	<i>O Que É Literatura</i>	Marisa Lajolo
54	<i>O Que É Política</i>	Wolfgang Leo Maar
55	<i>O Que É Espiritismo</i>	Roque Jacintho
56	<i>O Que É Poder Legislativo</i>	Nelson Saldanha
57	<i>O Que É Sociologia</i>	Carlos Benedito Martins
58	<i>O Que É Direito Internacional</i>	J. Monserrat Filho
59	<i>O Que É Teoria</i>	Otaviano Pereira
60	<i>O Que É Folclore</i>	Carlos Rodrigues Brandão
61	<i>O Que É Existencialismo</i>	João da Penha
62	<i>O Que É Direito</i>	Roberto Lyra Filho
63	<i>O Que É Poesia</i>	Fernando Paixão
64	<i>O Que É Capital</i>	Ladislau Dowbor
65	<i>O Que É Mais-Valia</i>	Paulo Sandroni
66	<i>O Que São Recursos Humanos</i>	Flávio de Toledo
67	<i>O Que É Comunicação</i>	Juan Díaz Bordenave
68	<i>O Que É Rock</i>	Paulo Chacon
69	<i>O Que É Pastoral</i>	João Batista Libanio
70	<i>O Que É Contabilidade</i>	Roque Jacinhtho

71	<i>O Que É Capital Internacional</i>	Rabah Benakouche
72	<i>O Que É Positivismo</i>	João Ribeiro Jr.
73	<i>O Que É Loucura</i>	João A. Frayze-Pereira
74	<i>O Que É Leitura</i>	Maria Helena Martins
75	<i>O Que É Questão Palestina</i>	Helena Salem
76	<i>O Que É Punk</i>	Antonio Bivar
77	<i>O Que É Propaganda Ideológica</i>	Nelson Jahr Garcia
78	<i>O Que É Magia</i>	João Ribeiro Jr.
79	<i>O Que É Educação Física</i>	Vitor Marinho de Oliveira
80	<i>O Que É Música</i>	J. Jota de Moraes
81	<i>O Que É Homossexualidade</i>	Peter Fry; Edward MacRae
82	<i>O Que É Fotografia</i>	Cláudio A. Kubrusky
83	<i>O Que É Política Nuclear</i>	Ricardo Arnt
84	<i>O Que É Medicina Alternativa</i>	Alan Índio Serrano
85	<i>O Que É Violência</i>	Nilo Odalia
86	<i>O Que É Psicanálise</i>	Fabio Hermann
87	<i>O Que É Parlamentarismo</i>	Ruben Cesar Keinert
88	<i>O Que É Amor</i>	Betty Milan
89	<i>O Que São Pessoas Deficientes</i>	João B. Cintra Ribas
90	<i>O Que É Desobediência Civil</i>	Evaldo Vieira
91	<i>O Que É Universidade</i>	Luiz E W. Wanderley
92	<i>O Que É Questão da Moradia</i>	Luiz C. Q. Ribeiro; Robert M. Pechman
93	<i>O Que É Jazz</i>	Roberto Muggiati
94	<i>O Que É Biblioteca</i>	Luiz Milanese
95	<i>O Que É Participação</i>	Juan Díaz Bordenave
96	<i>O Que É Capoeira</i>	Almir das Areias

97	<i>O Que É Umbanda</i>	Patricia Birman
98	<i>O Que É Literatura Popular</i>	Joseph M. Luyten
99	<i>O Que É Papel</i>	Otávio Roth
100	<i>O Que É Contracultura</i>	Carlos Alberto M. Pereira
101	<i>O Que É Comunicação Rural</i>	Juan Díaz Bordenave
102	<i>O Que É Fome</i>	Ricardo Abramovay
103	<i>O Que É Semiótica</i>	Lúcia Santaella
104	<i>O Que É Participação Política</i>	Dalmo de Abreu Dallari
105	<i>O Que É Justiça</i>	Julio Cesar Tadeu Barbosa
106	<i>O Que É Astrologia</i>	Juan A. C. Müller; Léa M. Pileggi Müller
107	<i>O Que É Política Cultural</i>	Martin Cezar Feijó
108	<i>O Que São Comunidades Alternativas</i>	Carlos A. P. Tavares
109	<i>O Que É Romance Policial</i>	Sandra Lúcia Reimão
110	<i>O Que É Cultura</i>	José Luiz dos Santos
111	<i>O Que É Serviço Social</i>	Ana Maria Ramos Estevão
112	<i>O Que É Taylorismo</i>	Luiza M. Rago; Eduardo F. P. Moreira
113	<i>O Que É Budismo</i>	Antonio Carlos Rocha
114	<i>O Que É Teatro Nô</i>	Darci Yasuco Kusano
115	<i>O Que É Realidade</i>	João-Francisco Duarte Junior
116	<i>O Que É Ecologia</i>	Antonio Lago; José Augusto Pádua
117	<i>O Que É Neologismo</i>	Nelly Carvalho
118	<i>O Que É Medicina Preventiva</i>	Kurt Kloetzel
119	<i>O Que É Nordeste Brasileiro</i>	Carlos Garcia
120	<i>O Que É Nacionalidade</i>	Guilhermo Raul Ruben

121	<i>O Que É Tortura</i>	Glauco Mattoso
122	<i>O Que É Parapsicologia</i>	Osmard Andrade Faria
123	<i>O Que É Mercadoria</i>	Liliana R. Petrilli Segnini
124	<i>O Que É Etnocentrismo</i>	Everaldo P. Guimarães Rocha
125	<i>O Que É Medicina Popular</i>	Elda Rizzo de Oliveira
126	<i>O Que É Aborto</i>	Danda Prado
127	<i>O Que É Suicídio</i>	Roosevelt M S Cassoria
128	<i>O Que É Pornografia</i>	Eliane Robert Moraes; Sandra M. Lapeiz
129	<i>O Que É Cibernética</i>	Jocelyn Bennaton
130	<i>O Que É Geração Beat</i>	André Bueno; Fred Góes
131	<i>O Que É Física</i>	Ernst W Hamburger
132	<i>O Que É Filatelia</i>	Raymundo Galvão de Queiroz
133	<i>O Que É Psicanálise – 2ª Visão</i>	Oscar Cesarotto; M. Souza Leite
134	<i>O Que É Homeopatia</i>	Flávio Dantas
135	<i>O Que É Conto</i>	Luzia de Maria
136	<i>O Que É Erotismo</i>	Lucia Castello Branco
137	<i>O Que É Vídeo</i>	Cândido José Mendes de Almeida
138	<i>O Que É Brinquedo</i>	Paulo de Salles Oliveira
139	<i>O Que É Herói</i>	Martin Cezar Feijó
140	<i>O Que É Autonomia Operária</i>	Lucia Barreto Bruno
141	<i>O Que É Alienação</i>	Wanderley Codo
142	<i>O Que É Benzeção</i>	Elda Rizzo de Oliveira
143	<i>O Que É Constituinte</i>	Marília Garcia

144	<i>O Que É Histórias em Quadrinhos</i>	Sônia Luyten
145	<i>O Que É Acupuntura</i>	Marcus Vinícius Ferreira
146	<i>O Que É Espiritismo – 2ª Visão</i>	Maria Laura Viveiros de Castro
147	<i>O Que É Numismática</i>	Alain Jean Costilhes
148	<i>O Que É Marxismo</i>	José Paulo Netto
149	<i>O Que É Toxicomania</i>	Jandira Mansur
150	<i>O Que É Morte</i>	José Luiz de Souza Maranhão

Anexo 2. Coleção Primeiros Passos (1980-1985)

Total de Títulos Novos Lançados por Ano

1980	18
1981	32
1982	28
1983	32
1984	29
1985	23

Fonte: cálculos elaborados a partir de Andréa Lemos Xavier Galucio, *Civilização Brasileira e Brasiliense: Trajetórias Editoriais, Empresários e Militância Política*.

Anexo 3. Coleção Primeiros Passos (1980-1985)

Cinquenta Maiores Tiragens

	Título	Exemplares
1	<i>O Que É Ideologia</i>	118 000
2	<i>O Que É Educação</i>	100 000
3	<i>O Que É Capitalismo</i>	83 400
4	<i>O Que É Sociologia</i>	75 000
5	<i>O Que É Socialismo</i>	74 800
6	<i>O Que É Comunismo</i>	60 300
7	<i>O Que É Dialética</i>	58 000
8	<i>O Que É Sindicalismo</i>	44 200
9	<i>O Que É Questão Agrária</i>	44 000
10	<i>O Que É Constituinte</i>	43 000
11	<i>O Que É Psicologia Social</i>	43 000
12	<i>O Que É Racismo</i>	41 000
13	<i>O Que É Subdesenvolvimento</i>	41 000
14	<i>O Que É Método Paulo Freire</i>	40 000
15	<i>O Que É Filosofia</i>	39 000
16	<i>O Que É Liberdade</i>	38 200

17	<i>O Que É História</i>	38 000
18	<i>O Que É Anarquismo</i>	37 000
19	<i>O Que É Indústria Cultural</i>	36 000
20	<i>O Que É Religião</i>	36 000
21	<i>O Que É Cultura Popular</i>	34 000
22	<i>O Que É Reforma Agrária</i>	31 000
23	<i>O Que É Literatura</i>	30 000
24	<i>O Que É Burocracia</i>	29 000
25	<i>O Que É Marketing</i>	29 000
26	<i>O Que É Poder</i>	29 000
27	<i>O Que É Teatro</i>	29 000
28	<i>O Que É Folclore</i>	28 000
29	<i>O Que É Política</i>	28 000
30	<i>O Que São Multinacionais</i>	28 000
31	<i>O Que É Cinema</i>	27 000
32	<i>O Que É Comunicação</i>	27 000
33	<i>O Que São Direitos da Pessoa</i>	26 100
34	<i>O Que É Violência Urbana</i>	26 000
35	<i>O Que São Empregos e Salários</i>	26 000
36	<i>O Que É Comunidade Eclesial de Base</i>	25 000
37	<i>O Que É Geografia</i>	25 000
38	<i>O Que É Leitura</i>	25 000
39	<i>O Que É Revolução</i>	25 000
40	<i>O Que É Arte</i>	24 000
41	<i>O Que É Recessão</i>	23 400
42	<i>O Que É Feminismo</i>	23 300
43	<i>O Que É Igreja</i>	22 200

44	<i>O Que É Jornalismo</i>	21 000
45	<i>O Que É Utopia</i>	21 000
46	<i>O Que São Ditaduras</i>	20 200
47	<i>O Que É Família</i>	19 000
48	<i>O Que É Fome</i>	18 000
49	<i>O Que É Imperialismo</i>	18 000
50	<i>O Que É Energia Nuclear</i>	17 500

Fonte: Andréa Lemos Xavier Galucio, *Civilização Brasileira e Brasileira: Trajetórias Editoriais, Empresários e Militância Política*.

Anexo 4. Coleção Tudo É História

Setenta Primeiros Títulos

	Título	Autor
1	<i>As Independências na América Latina</i>	Leon Pomer
2	<i>A Crise do Escravismo e a Grande Imigração</i>	Paula Beiguelman
3	<i>A Luta Contra a Metrópole (Ásia e África)</i>	M. Yedda Linhares
4	<i>O Populismo na América Latina</i>	Maria Ligia Prado
5	<i>A Revolução Chinesa</i>	David Aarão Reis Filho
6	<i>O Cangaço</i>	Carlos Alberto Dória
7	<i>Mercantilismo e Transição</i>	Francisco Falcon
8	<i>As Revoluções Burguesas</i>	Modesto Florenzano
9	<i>Paris 1968: As Barricadas do Desejo</i>	Olgaria C. F. Matos
10	<i>Nordeste Insurgente (1850-1890)</i>	Hamilton M. Monteiro
11	<i>A Revolução Industrial</i>	Francisco Iglésias
12	<i>Os Quilombos e a Rebelião Negra</i>	Clóvis Moura
13	<i>O Coronelismo</i>	Maria de Lourdes M. Janotti
14	<i>O Governo Juscelino Kubitschek</i>	Ricardo Maranhão
15	<i>O Movimento de 1932: A Causa Paulista</i>	Maria Helena Capelato

16	<i>A América Pré-Colombiana</i>	Ciro Flamarion Cardoso
17	<i>A Abolição da Escravidão</i>	Suely Robles Reis de Queiroz
18	<i>A Proclamação da República</i>	José Ênio Casalecchi
19	<i>A Revolta de Princesa</i>	Inês Caminha L. Rodrigues
20	<i>História Política do Futebol Brasileiro</i>	Joel Rufino dos Santos
21	<i>A Nicarágua Sandinista</i>	Marisa Marega
22	<i>O Iluminismo e os Reis Filósofos</i>	Luiz Roberto Salinas Fortes
23	<i>Movimento Estudantil no Brasil</i>	Antônio Mendes Júnior
24	<i>A Comuna de Paris: Os Assaltantes do Céu</i>	Horacio González
25	<i>A Rebelião Praieira</i>	Izabel Marson
26	<i>A Primavera de Praga</i>	Sonia Goldfeder
27	<i>A Construção do Socialismo na China</i>	Daniel Aarão Reis Filho
28	<i>Opulência e Miséria nas Minas Gerais</i>	Laura Vergueiro
29	<i>A Burguesia Brasileira</i>	Jacob Gorender
30	<i>O Governo Jânio Quadros</i>	M. Vitória Mesquita Benevides
31	<i>Revolução e Guerra Civil Espanhola</i>	Angela M. Almeida
32	<i>A Legislação Trabalhista no Brasil</i>	Kazumi Munakata
33	<i>Os Crimes da Paixão</i>	Mariza Corrêa
34	<i>As Cruzadas</i>	Hilário Franco Jr.
35	<i>A Formação do 3º Mundo</i>	Ladislau Dowbor
36	<i>O Egito Antigo</i>	Ciro F. Marcondes
37	<i>Revolução Cubana</i>	Abelardo Blanco / Carlos A. Dória
38	<i>O Imigrante e a Pequena Propriedade</i>	M. Tereza Schorer Petrone
39	<i>O Mundo Antigo: Economia e Sociedade</i>	M. Beatriz B. Florenzano

40	<i>Guerra Civil Americana</i>	Peter L. Eisenberg
41	<i>Cultura e Participação nos Anos 60</i>	Heloisa Buarque de Hollanda/ Marcos A Gonçalves
42	<i>Revolução de 1930: A Dominação Oculta</i>	Italo Tronca
43	<i>Contra a Chibata: Marinheiros Brasileiros em 1910</i>	M. A. Silva
44	<i>Afro-América: A Escravidão do Novo Mundo</i>	Ciro F. Marcondes
45	<i>A Igreja no Brasil Colônia</i>	Eduardo Hoornaert
46	<i>Militarismo na América Latina</i>	Clóvis Rossi
47	<i>Bandeirantismo: Verso e Reverso</i>	Carlos Henrique Davidoff
48	<i>O Governo Goulart e o Golpe de 64</i>	Caio N de Toledo
49	<i>A Inquisição</i>	Anita Novinski
50	<i>A Poesia Árabe Moderna e o Brasil</i>	Slimani Zeghidour
51	<i>O Nascimento das Fábricas</i>	Edgar S. de Decca
52	<i>Londres e Paris no Século XIX</i>	Maria Stella Martins Bresciani
53	<i>Oriente Médio e o Mundo dos Árabes</i>	Maria Yedda Linhares
54	<i>A Auto Gestão Iugoslava</i>	Bertino Nóbrega de Queiroz
55	<i>O Golpe de 1954: A Burguesia contra o Populismo</i>	Armando Boito Jr.
56	<i>Eleições e Fraudes Eleitorais na República Velha</i>	Rodolpho Telarolli
57	<i>Os Jesuítas</i>	José Carlos Sebe
58	<i>A República de Weimar e a Ascensão do Nazismo</i>	Angela M. Almeida
59	<i>A Reforma Agrária na Nicarágua</i>	Cláudio T. Bornstein
60	<i>Teatro Oficina</i>	Fernando Peixoto
61	<i>Rússia (1917-1921): Anos Vermelhos</i>	D. Aarão Reis Filho

62	<i>Revolução Mexicana (1910-1917)</i>	Anna M. M. Corrêa
63	<i>América Central</i>	Héctor Pérez Brignoli
64	<i>A Guerra Fria</i>	Déa Fenelon
65	<i>O Feudalismo</i>	Hilário Franco Jr.
66	<i>URSS: O Socialismo Real (1921-1964)</i>	Daniel Aarão Reis Filho
67	<i>Os Liberais e a Crise da República Velha</i>	Paulo G. F. Vizontini
68	<i>A Redemocratização Espanhola</i>	Reginaldo C. Moraes
69	<i>A Etiqueta no Antigo Regime</i>	Renato Janine Ribeiro
70	<i>Contestado: A Guerra do Novo Mundo</i>	Antonio P. Tota

Anexo 5. Coleção Encanto Radical

65 Primeiros Títulos

	Título	Autor
1	<i>Dostoiévski</i>	Régis de Moraes
2	<i>Noel Rosa</i>	Jorge Caldeira
3	<i>Oswald de Andrade</i>	Maria A. Fonseca
4	<i>Sócrates</i>	Francis Wolff
5	<i>Freud</i>	Renato Mezan
6	<i>Simone Weil</i>	Ecléa Bosi
7	<i>Camus</i>	Horacio González
8	<i>Eisenstein</i>	Arlindo Machado
9	<i>John Lennon</i>	Lúcia Villares
10	<i>André Malraux</i>	Lourenço Dantas Mota
11	<i>Friedrich Nietzsche</i>	Scarlett Marton
12	<i>Pier Paolo Pasolini</i>	Luiz Nazário
13	<i>Lou Andreas-Salomé</i>	Luzilá Gonçalves
14	<i>Bob Marley</i>	Cassiano S. Quilici / M. Sampaio
15	<i>Alfred Hitchcock</i>	Inácio Araújo
16	<i>Antonin Artaud</i>	Teixeira Coelho

17	<i>Ernest Hemingway</i>	Eustáquio Gomes
18	<i>Walter Benjamin</i>	Jeanne Marie Gagnebin
19	<i>Emiliano Zapata</i>	Eric Nepomuceno
20	<i>Evita</i>	Horacio González
21	<i>Marcel Proust</i>	José Maria Cançado
22	<i>Leão Tolstói</i>	Boris Schnaiderman
23	<i>Roland Barthes</i>	Leyla Perrone-Moisés
24	<i>Cruz e Souza</i>	Paulo Leminski
25	<i>Tarsila do Amaral</i>	Nádia Battella Gotlib
26	<i>Pascal</i>	Gérard Lebrun
27	<i>Georg Buchner</i>	Fernando Peixoto
28	<i>Georg Lukács</i>	José Paulo Netto
29	<i>Santa Teresa de Ávila</i>	Ângela Senra
30	<i>Graciliano Ramos</i>	Marilene Felinto
31	<i>Salvador Allende</i>	Fernando Alegria
32	<i>Franz Kafka</i>	Flávio Moreira da Costa
33	<i>Clarice Lispector</i>	Berta Waldman
34	<i>Leila Diniz</i>	Claudia Cavalcanti
35	<i>Mahatma Ghandi</i>	Rubem Alves
36	<i>Mariátegui</i>	Héctor Alimonda
37	<i>Barão de Itararé</i>	Leandro Konder
38	<i>James Dean</i>	Antonio Bivar
39	<i>Henry Miller</i>	Marcos Moreira
40	<i>Matsuo Bashô</i>	Paulo Leminski
41	<i>Emma Goldman</i>	Elizabeth Souza Lobo
42	<i>Lima Barreto</i>	Regis de Moraes
43	<i>Mané Garrincha</i>	Telmo Zanini

44	<i>Carmen Miranda</i>	Luiz Henrique Sala
45	<i>George Orwell</i>	Ricardo Bonalume Neto
46	<i>Manuel Bandeira</i>	Júlio Guimarães
47	<i>Vinícius de Moraes</i>	Geraldo Carneiro
48	<i>Mae West</i>	Mario Mendes
49	<i>Jesus a. C.</i>	Paulo Leminski
50	<i>John Maynard Keynes</i>	Gilson Schwartz
51	<i>Ho Chi Minh</i>	Rafael Roubicek
52	<i>Santos Dumont</i>	Orlando Senna
53	<i>Humphrey Bogart</i>	Pedro Vasquez
54	<i>Alejo Carpentier</i>	Jorge Quiroga
55	<i>André Breton</i>	José Geraldo Couto
56	<i>Pancho Villa</i>	Marco Antonio Villa
57	<i>Procópio Ferreira</i>	Décio de Almeida Prado
58	<i>Gibran Khalil Gibran</i>	Mustafa Yazbek
59	<i>David W. Griffith</i>	Ismail Xavier
60	<i>Albert Einstein</i>	Harvey Brown
61	<i>Jimi Hendrix</i>	Ana Maria Bahiana
62	<i>Lautréamont</i>	Leyla Perrone-Moisés
63	<i>Karl Marx</i>	Horacio González
64	<i>Sid Vicious</i>	Hugo Santos Silva Neto
65	<i>Jacques Lacan</i>	Márcio P. S. Leite / O. Cesarotto

Referências Bibliográficas

- ABREU, Alzira Alves de *et al* (coord.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro, Editora FVG, CPDOC, 2001, 5 vols.
- ADUSP. *O Controle Ideológico na USP: 1964-1978*. São Paulo, Adusp, 2004.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1977.
- CANDIDO, Antonio. “A Revolução de 1930 e a Cultura”. *A Educação pela Noite*. 5. ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006.
- CALLADO, Antonio. *Censura e Outros Problemas dos Escritores Latino-Americanos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2006.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- FORASTIERI, André. *O Brasil que a Brasileira Criou*. <http://noticias.r7.com/blogs/andre-forastieri/2012/12/03/o-brasil-que-a-brasiliense-criou/>
- GALUCIO, Andrea Lemos Xavier. *Civilização Brasileira e Brasileira: Trajetórias Editoriais, Empresários e Militância Política*. Tese de Doutorado em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro No Brasil: Sua História*. 2. ed. São Paulo, Edusp, 2012.
- IUMATTI, Paulo Teixeira. *Catálogo Brasileira 50 Anos 1943-1993*. São Paulo, Brasileira, 1993.
- LEMONS, Andrea. “A Editora Brasileira e a Oposição à Ditadura Civil-Militar Brasileira”. *Crítica Histórica* (Dossiê: Os 50 Anos do Golpe Civil-Militar). Ano v, n. 10, dez. 2014, pp. 178-193.

- MAUÉS, Flamarion. *Livros Contra a Ditadura: Editoras de Oposição no Brasil, 1974-1984*. São Paulo, Publisher Brasil, 2013.
- PAIXÃO, Fernando (coord.). *Momentos do Livro no Brasil*. São Paulo, Ática, 1995.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. *Caio Prado Júnior: Uma Biografia Política*. São Paulo, Boitempo, 2016.
- REIMÃO, Sandra. *Mercado Editorial Brasileiro*. São Paulo, Com-Arte/Fapesp, 1996.
- _____. *Repressão e Resistência – Censura a Livros na Ditadura Militar*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2011.
- RIDENTI, Marcelo. *Em Busca do Povo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Record, 2000.
- ROCHA, José Carlos (org.). *Políticas Editoriais e Hábitos de Leitura*. São Paulo, Com-Arte, 1987.
- Rollemberg, Marcello Chami. *Um Circo de Letras. A Editora Brasiliense e as Transformações Sociais, Culturais e Políticas do Brasil nos Anos 80*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SCHWARZ, Roberto. “Cultura e Política 1964-1969”. *O Pai de Família e Outros Estudos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- SILVA, Deonísio da. *Nos Bastidores da Censura. Sexualidade, Literatura e Repressão Pós-64*. São Paulo, Liberdade, 1989.
- STEPHANOU, Alexandre Ayub. *Censura no Regime Militar e Militarização das Artes*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.
- VENTURA, Zuenir. 1968: *O Ano que não Terminou. A Aventura de uma Geração*. 17. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.
- XAVIER, Andrea Lemos. *A Produção da Coleção Primeiros Passos: Um Projeto Político-Cultural da Editora Brasiliense (1979-1985)*. Dissertação de Mestrado em História Social, PUC-RJ, 2003.
- VÍDEO: DAHER, Gabriel; CARUCCI, Pedro & MIRANDA, Victor. *O Último Voo - Os Anos 80 da Editora Brasiliense*. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, Faculdade Cásper Líbero. <https://www.youtube.com/watch?v=9S8yeuhNkE4>

BLOG DA COMPANHIA – coluna de Luiz Schwarcz

Arquivo *O Estado de S. Paulo*

Arquivo *Folha de S. Paulo*

Arquivo eletrônico *Jornal do Brasil*

Revista Civilização Brasileira – n. 1 a 5

Organizadoras e autoras

As Organizadoras

SANDRA REIMÃO: Professora livre-docente na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Publicou, entre outros, o livro *Repressão e Resistência – Censura a Livros na Ditadura Militar* (São Paulo, Edusp/ Fapesp, 2011).

GISELA CRENI: Graduada em Editoração e mestre em História, ambos pela USP. Possui grande experiência no mercado editorial, tendo trabalhado na editora Brasiliense e na Companhia das Letras. É autora do livro *Editores Artesanais Brasileiros* (Belo Horizonte/ Rio de Janeiro, Autêntica/Biblioteca Nacional, 2013).

Os Autores

ANDREA LEMOS [Xavier Galucio]: Possui Doutorado e Pós-Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atua como docente no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ).

EUGENIO BUCCI: Professor titular na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Atua como jornalista-

ta em diversos veículos. Recebeu o Prêmio Esso de Contribuição à Imprensa em 2013. Escreveu, entre outros, os livros *O Estado de Narciso* (2015) e *A Forma Bruta dos Protestos* (2016), ambos publicados pela Companhia das Letras.

FLAMARION MAUÉS: Doutor em História pela USP; realizou estágio pós-doutoral em Comunicação e Cultura na EACH-USP. Atua como docente no Instituto Federal de São Paulo, *campus* Registro. É autor do livro: *Livros Contra a Ditadura: Editoras de Oposição no Brasil, 1974-1984* (São Paulo, Publisher Brasil, 2013).

GABRIEL DAHER: Graduado em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero, atua em diferentes veículos de comunicação.

JOÃO ELIAS NERY: Doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); realizou estágio pós-doutoral em Comunicação e Cultura na EACH-USP. Atua como docente na Universidade Anhembi-Morumbi e na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação. Publicou o livro *Graúna e Rêbordosa: O Humor Gráfico Brasileiro de 1970 e 1980* (São Paulo, Pulsar, 2006).

LUIZ SCHWARCZ: Fundador e sócio da editora Companhia das Letras, São Paulo.

MARCELO ROLLEMBERG: Jornalista, editor de cultura do *Jornal da USP*, professor universitário e doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP.

As organizadoras desejam registrar agradecimentos especiais a:

- Elisabete Ribas
- Carla Prado Alves Pinto e família Prado
- Ivan Coluchi
- João Baptista da Costa Aguiar
- José Antonio Pasta
- Manuella Reale
- Mariana Pravadelli
- Moema Cavalcanti
- Paulo Iumatti
- Rodrigo Naves
- Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo – IEB-USP
- Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo – BBM-USP

<i>Título</i>	<i>Caio Graco Prado e a Editora Brasiliense</i>
<i>Organizadoras</i>	Sandra Reimão e Gisela Creni
Projeto Gráfico e Capa	Negrito Produção Editorial
Editoração Eletrônica	Negrito Produção Editorial
Revisão de Texto	Carolina Bednarek Claudia Sarmiento
Formato	15,5 × 22,5 cm
Tipografia	Arno Pro 12/15
Papel Certificado FSC®	Off-set 90 g/m² (miolo) Cartão Supremo 250 g/m² (capa)
Número de Páginas	120
Tiragem	1 000
CTP, Impressão e Acabamento	Lis Gráfica

THUR GIANNOTTI

Trabalho e flexão

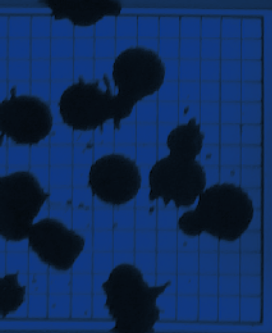
na dialética da sociabilidade



editora brasiliense

THUR GIANNOTTI

A diversidade em ritmo barbárie



editora brasiliense

CINEASTAS E IMAGENS DO POVO



JEAN-CLAUDE BERNARDE

editora brasiliense

João Carlos Brum Torres

FIGURAS do ESTADO MODERNO



UNIVERSIDADE ESCOLA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ISBN 978-65-87936-09-3



9 786587 936093 >